

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos. "Arquitectura Contemporânea: Equipamentos Colectivos".  
In: SANTOS, Joaquim Rodrigues dos, SANTOS, Dóris (coord.). *Arte por Terras do Bombarral*.  
Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017, pp.139-175.

# ARTE POR TERRAS DO BOMBARRAL

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS  
DÓRIS SANTOS  
(COORD.)





# Arquitectura Contemporânea

## Equipamentos Colectivos

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS

*ARTIS – Instituto de História da Arte,  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*

## Notas prévias

Escrever sobre arquitectura contemporânea, sobretudo a mais recente, é sempre um exercício de algum modo ambíguo, assente em parte em questões de gosto pessoal que poderão não reflectir parcial ou integralmente o de outros indivíduos. A possibilidade dos criadores das obras ainda estarem vivos gera também tensões ao nível da crítica artística sobre as suas obras, e a consequente inexistência da consagração ou do esquecimento que o tempo em muitos casos se encarrega de definir, acaba por tornar a escrita uma prática arriscada em alguns momentos.

Relativamente à arquitectura contemporânea existente no município do Bombarral, optou-se por abarcar apenas a arquitectura de equipamentos colectivos públicos e privados construídos durante o século XX – com uma única excepção: a estação de caminho-de-ferro do Bombarral, de finais do século XIX, sobre a qual se fará uma breve referência. A chegada do caminho-de-ferro marcou indubitavelmente o início de um novo período de forte desenvolvimento no Bombarral, conforme se verificou anteriormente no texto de João B. Serra. Justifica-se por isso a incorporação da Estação Ferroviária do Bombarral como o primeiro equipamento colectivo contemporâneo, a partir do qual se desenvolve o texto até chegar aos equipamentos colectivos de finais do século XX.

Um primeiro surto de construção de equipamentos colectivos deu-se na década de 1920, procurando-se assim colmatar a lacuna deste tipo de edificações necessárias a um município recentemente criado. Mais tarde, nas décadas de 1940 e 1950, verificou-se um novo pico na construção de equipamentos colectivos, certamente na esteira das riquezas proporcionadas pelo desenvolvimento agrícola que então se assistia no concelho do Bombarral no período do pós-guerra. O último período de intensidade construtiva aqui analisado deu-se nas décadas de 1970 e 1980, no seguimento da instauração do regime democrático, que veio dar maior liberdade de acção ao nível local. O período posterior à adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE) veio permitir também a construção de mais equipamentos colectivos, mas foi decidido não os incluir no estudo.

O presente texto optou por seguir um desenvolvimento cronológico organizado nas três fases anteriormente descritas, ao invés da tipificação dos edifícios por funções ou estilos arquitectónicos. Porventura se considerou fazer mais sentido referir o contexto em que esses equipamentos colectivos foram sendo construídos ao longo dos tempos, mesmo se em certos momentos a ordem cronológica não seja seguida, em prol das afinidades funcionais. Essas excepções afiguram-se necessárias para um entendimento coerente do rumo seguido no texto ao traçar pequenos fios condutores de desenvolvimento, conforme se poderá verificar na sua leitura.



IMAGEM 177 – Estação Ferroviária do Bombarral (Jorge de Almeida Lima, 1910, cortesia de Luís de Matos)

IMAGEM 178 – Projecto do Hospital do Bombarral (António da Silva Júnior, 1916, Museu Municipal do Bombarral)

## Novos equipamentos para um novo município

O movimento político oitocentista geralmente apelidado como Regeneração – designadamente o Fontismo – veio trazer ao país um período de desenvolvimento, que incluiu a implementação de uma rede de caminhos ferroviários que revolucionou, em Portugal, o modo de deslocação de pessoas e mercadorias<sup>1</sup>. O Bombarral foi uma das localidades que mais beneficiou com a chegada do caminho de ferro, tendo sido escolhida para acolher uma estação da Linha do Oeste que ligava Lisboa à Figueira da Foz.

A Estação Ferroviária do Bombarral, inaugurada a 2 de Maio de 1887, não se configura como um edifício excepcional no panorama nacional nem tão-pouco a nível local; porém, o seu interesse reflecte-se pela inserção dentro de um conjunto de equipamentos colectivos que, na sua globalidade, se constitui de importância nacional. Sendo uma estação classificada como de 3ª classe, a dimensão demonstra, no entanto, uma importância significativa apenas ultrapassada pelas estações de Lisboa, Caldas da Rainha e Figueira da Foz, ao nível da Linha do Oeste. Situada no remate da Avenida Casimiro da Silva Marques, o piso térreo estava destinado a átrio, bilheteira, sala de espera, escritório e despacho de mercadorias, sendo o piso superior para habitação dos funcionários da estação; enquanto a fachada principal se encontrava virada à rua (no sentido longitudinal), a fachada no lado oposto do edifício destinava-se ao cais de embarque, estando coberta por um alpendre metálico que acompanhava toda a fachada.

Genericamente, a Estação Ferroviária do Bombarral apresenta-se com uma base volumétrica, funcional e estética similar a tantas outras pelo país fora (como as estações ferroviárias “gémeas” de Óbidos, da Marinha Grande ou da Malveira, na Linha do Oeste), tendo sido muito provavelmente projectada pelos engenheiros ao serviço



PROJECTO DUM HOSPITAL PARA A VILA DO BOMBARRAL  
MANDADO EXECUTAR PELA EXM. SENHORA D. INNOCENCIA DA SILVA CAIREL SIMÃO

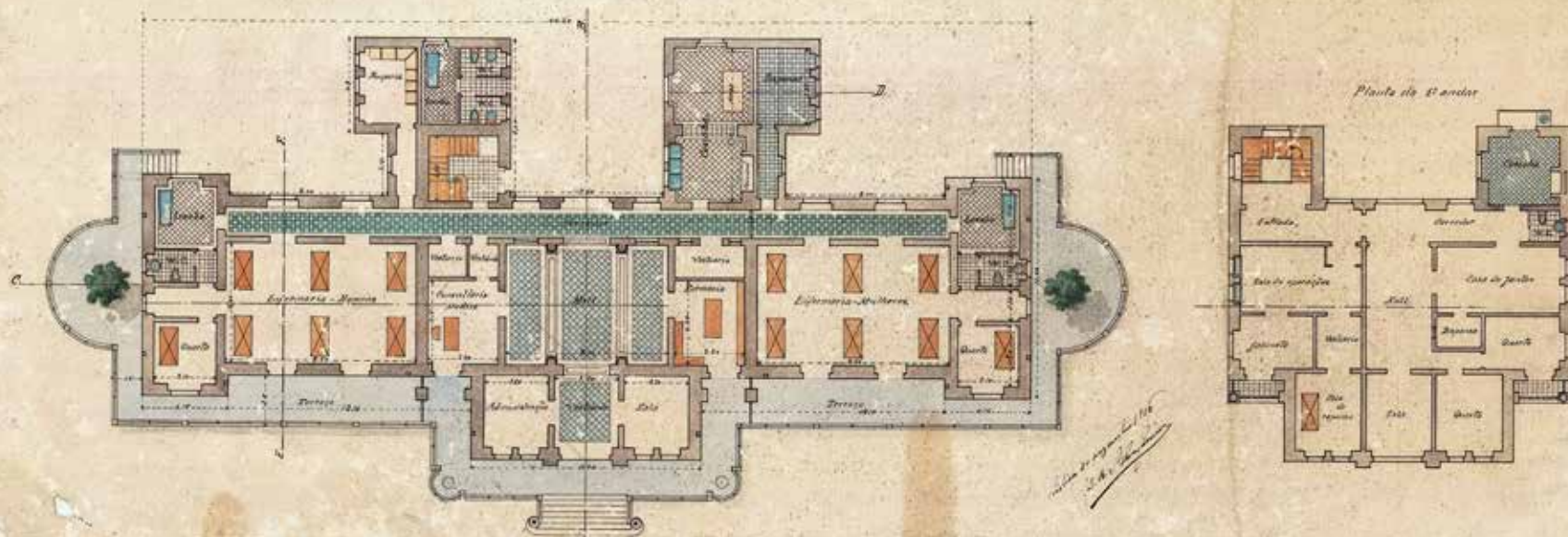
Alçado da frente

Escala 1:100

Corta EF

Planta do pavimento térreo

Planta do 1.º andar



da empresa ferroviária. Composta por um volume de dois andares com telhado de duas águas e fenestração com arco de volta perfeita – para além do já referido alpendre metálico –, as fachadas longitudinais encontram-se divididas em três tramos separados por faixas verticais de pedra, sendo o tramo central, onde se encontram as entradas principais, coroado por um pequeno frontão com óculo. A nível estético, o edifício é muito sóbrio, desprovido da ornamentação ecléctica ou revivalista das grandes estações citadinas, tendendo mais para influências advindas dos modelos rurais nacionais de edifícios rebocados e caiados e possuindo telhados com beirados “tradicionais”. A colocação dos painéis de azulejos em 1930 veio acentuar mais essa imagem tradicionalista, inserindo-se numa política nacional patrocinada pelo regime ditatorial de “aportuguesamento” da arquitectura e, neste caso, das estações ferroviárias. De referir que, embora de dimensão inferior, também a aldeia de São Mamede possui uma estação que segue o mesmo modelo de edifício.

A elevação do Bombarral a município escassos anos após a instauração do regime republicano em Portugal,

marcada pela posse do novo executivo camarário a 29 de Junho de 1914, veio trazer um conjunto de novas necessidades ao nível municipal que deveriam de ser supridas rapidamente, de modo a que o novo concelho pudesse começar a funcionar normalmente. Tal não terá sido possível nos anos imediatos, fruto da instabilidade da Primeira República e dos condicionamentos provocados pela Primeira Guerra Mundial. Apenas na década de 1920 se começaram a criar condições para a instalação de novos equipamentos colectivos no município do Bombarral.

Um dos primeiros e mais ambicionados dizia respeito à edificação de um hospital regional que servisse os munícipes, pelo que, somente dois anos após a criação do concelho, foi elaborado o projecto para um hospital no Bombarral pelo arquitecto António Rodrigues da Silva Júnior (1868-1937). A obra de António da Silva Júnior, autor de projectos como o da Câmara Municipal de Sintra, da Estação Termal do Estoril, do Grande Casino Estoril, do Casino Magestic Club (remodelação do Palácio Alverca, actual Casa do Alentejo), do Palacete António Nunes de Sequeira ou da Fábrica de Cerveja Portugália (os três



últimos em Lisboa), traduzia algumas das hesitações muito características dos arquitectos de finais de Oitocentos e inícios de Novecentos, deambulando entre os estilos revivalistas (neogótico, neomanuelino, neomourisco, neo-românico, neobarroco), as influências debatidas na problemática da “casa portuguesa”, ou os ecletismos academicistas *beaux-arts* provenientes de França, tudo temperado ainda pelo advento do modernismo que então começava a despontar.

O projecto de 1916 de António da Silva Júnior para o Hospital do Bombarral – encomendado pela benemérita bombarralense Inocência da Silva Cairel Simão e nunca realizado – reflectia de alguma maneira estas hesitações: se na planta existiria uma clara adequação quase racionalista do espaço às funções, já o alçado principal mostra as incertezas estilísticas da época. De facto, as plantas revelam um acesso central para o piso térreo feito mediante um vestíbulo com sala de um lado e escritório da administração do outro, seguindo-se um átrio ladeado pelo consultório médico de um lado e farmácia de outro; a enfermaria feminina ficaria na ala direita e a masculina na ala esquerda, num total de 12 camas, sendo a distribuição feita por um corredor longitudinal; as instalações sanitárias e um quarto de serviço rematam ambas as alas; a escada de acesso ao piso superior, as instalações sanitárias e a rouparia ficariam num volume adossado ao edifício principal, enquanto a cozinha e a despensa ficariam noutro volume simétrico; no piso superior ficariam a sala de operações, o gabinete médico, a sala de repouso e a habitação do director do hospital; a lavandaria, sala de autópsias e necrotério ficariam num edifício isolado; a tudo isto somam-se as preocupações com a renovação do ar, com o asseio higiénico e com o abastecimento de água e saneamento.

A fachada apresenta uma simetria clássica, com corpo central mais elevado (dois pisos) e ornamentado, e duas alas laterais de um só piso e com decoração mais sóbria a tender para um neoclássico tardio e depurado. O corpo central, embora mais ornamentado que os laterais, apresenta ainda assim alguma sobriedade decorativa, apenas interrompida no coroamento do “frontão” no tramo mais central, nos capitéis das pilastras de ordem colossal, nas caixilharias da fenestração e em pontos específicos do corpo central. Esta decoração parece adquirir já, em alguns momentos, o geometrismo que viria a estar incorporado na primeira fase do modernismo e, mais particularmente, no movimento que se convencionou chamar como *art déco*. Interiormente, as enfermarias seriam abobadadas com abóbada ogival, e as salas de recepção aparentariam ter uma ornamentação que poderia situar-se entre o ecletismo *beaux arts* e *art déco*. Porém, levaria ainda três décadas e meia até que o Bombarral recebesse um hospital.

A 27 de Fevereiro de 1921 foi finalmente inaugurado um equipamento colectivo de significativa importância para a vila, mas desta feita de cariz cultural: o Teatro Eduardo Brazão, que recebeu o seu nome do actor que apadrinhou a inauguração<sup>2</sup>. Localizado na Rua D. Nuno Álvares Pereira,



IMAGEM 179 – Teatro Eduardo Brazão, Bombarral (Horácio Vieira, 1925, cortesia de Luís de Matos)

IMAGEM 180 – Interior do Teatro Eduardo Brazão, Bombarral (JRS, 2017)

num terreno situado nas traseiras das ruínas da antiga igreja matriz do Bombarral, o teatro foi construído por iniciativa da Empresa Recreativa Bombarralense, impulsionada sobretudo por Evaristo Judícibus. Embora se desconheça a autoria do projecto do teatro, Antonieta Moura<sup>3</sup> atribui-a a Palmiro Fernandes, chefe de Conservação de Obras Públicas e 2º comandante dos Bombeiros Voluntários de Caldas da Rainha, e Manuel Patuleia<sup>4</sup> refere o nome de César Coelho da Silva como projectista<sup>5</sup>.

O Teatro Eduardo Brazão, embora de planta rectangular, alberga no seu interior um belo auditório em ferradura com plateia e camarotes laterais no piso térreo e com dois andares superiores de balcões com camarotes, na esteira do que geralmente se apelida como “teatro à italiana”. Um fosso de orquestra separa a plateia do palco, por trás do qual se situam os camarins, os bastidores e as instalações sanitárias. Antecedendo o auditório encontra-se, ao nível térreo, o átrio de entrada, ladeado pela bilheteira e bengaleiro de um lado, e pelo escritório e bar do outro; sobre o átrio localiza-se, ao nível do primeiro piso, o salão nobre com duplo pé-direito, que se reflecte no arranjo exterior da fachada principal.



A fachada encontra-se dividida em três tramos, sendo o central ligeiramente mais proeminente e mais alto, coroado por um frontão simples interrompido na parte superior por uma pequena platibanda onde se inscreve a palavra “teatro”; às três portas no rés-do-chão sobrepõem-se três janelas no andar superior, sendo a porta e o janelão do meio de maior dimensão; o arco perfeito da verga do janelão serve de regra para a faixa curva com o nome do teatro e para a faixa de pedra rústica que une as faixas das esquinas do corpo central. Os tramos laterais possuem, cada um deles, uma janela no piso inferior e outra sobrepunhando-a no piso superior, sendo rematados por uma platibanda. Enquanto a decoração exterior começava a apontar para uma influência *art déco* a partir de um longínquo despojamento neoclássico (não obstante o gradeamento se inserir mais no movimento arte nova), o interior apresenta uma decoração ecléctica com apontamentos mais revivalistas de influência neobarroca, como os florões, conchas, festões e outros elementos decorativos de estuque e pintura dourada; o salão apresenta, de facto, uma estética barroquizante.

Luís Soares Carneiro apontou a semelhança no uso do janelão presente nas fachadas do teatro bombarralense e do Teatro Bernardino Soares em Estremoz, cuja influência adviria do Teatro Politeama em Lisboa, projectado por Miguel Ventura Terra (1866-1919) e inaugurado em 1913; porém, convém não esquecer que já antes existiria essa característica no Teatro de São Luiz (antigo Theatro D. Amélia) também em Lisboa, inaugurado em 1894 e com projecto do francês Louis-Ernest Reynaud.

De referir ainda que, pela mesma altura, estava a ser construído o Teatro Chaby Pinheiro na Nazaré, com projecto de Ernesto Korrodi (1870-1944), apresentando também

um auditório em ferradura. Algumas obras mais tardias de Ernesto Korrodi apresentam mesmo, em certos momentos, afinidades com alguns elementos decorativos presentes no teatro bombarralense. Ernesto Korrodi executou, por essa altura, um pequeno projecto para o Bombarral: o jazigo do abastado comerciante António Ferreira dos Santos, que se encontra no Cemitério Municipal do Bombarral.

Aliás, as ligações de Ernesto Korrodi ao Bombarral surgem também através do arquitecto Augusto Romão, colaborador no seu atelier durante largos anos. A descoberta de alguns desenhos por Dóris Santos num arquivo pessoal, o reconhecimento da assinatura de Augusto Romão nestes por Francisco Queirós, e a análise comparativa realizada por Raquel Henriques da Silva permitem saber que Augusto Romão terá projectado um jazigo para António Pereira Bernardino (porém, nunca construído) para o Bombarral e, quiçá, também os pódiuns dos bustos existentes na Quinta da Granja (pertencente na altura a António Pereira Bernardino e sobre os quais Raquel Henriques da Silva falará mais à frente). Aguardam-se estudos que nos permitam elucidar mais sobre este tema.

Voltando ao Teatro Eduardo Brazão, este é, de facto, uma peça arquitectónica de elevada qualidade, que não foi certamente feita por um arquitecto de província nem por desenhadores ou engenheiros; o seu requinte mostra o dedo de um arquitecto experiente, e não seria descabida a hipótese do projecto poder ter tido o dedo de Ernesto Korrodi (e/ou de Augusto Romão). O Teatro sofreu no início da década de 1930 algumas obras de adaptação para utilização como cinema e, com o passar dos tempos, foi ficando degradado; reabriu em Dezembro de 2008, após obras de restauro.



IMAGEM 181 – Projectos (não executados) para o jazigo de António Pereira Bernardino (Augusto Romão, 1922, cortesia de Luís Pereira Bernardino)



IMAGEM 182 – Jazigo de António Ferreira dos Santos, projecto de Ernesto Korrodi, Bombarral (JRS, 2017)



IMAGEM 183 – Quartel dos Bombeiros, Bombarral (Foto Neves, década de 1950, cortesia de Luís Pereira Bernardino)

IMAGEM 184 – Projecto do Quartel dos Bombeiros Voluntários do Bombarral (*A Voz do Bombarral*, 1 Julho 1928)



O Teatro Eduardo Brazão havia servido também como quartel provisório dos Bombeiros Voluntários do Bombarral até que, em 1927, começou a ser construído o quartel da associação humanitária fundada poucos anos antes; com um projecto gratuito elaborado pelo bombarralense Mapril Rosado, o edifício foi inaugurado a 10 de Março de 1933 e foi considerado, na altura, dos melhores quartéis da região. O edifício, localizado na esquina da Rua Evaristo Judícibus com a Rua Martim Monteiro, consistia num volume paralelepípedo de dois andares coberto por telhado de quatro águas, ficando adossada uma torre de vigia num dos topos. Enquanto no piso térreo se situavam a garagem para os veículos dos bombeiros e alguns serviços administrativos, no piso superior ficariam a caserna e serviços de apoio. Esteticamente, as fachadas apresentam-se sóbrias, apenas com pequenos frontões contracurvados coroando a parte central das fachadas viradas para as ruas; o topo da torre recebeu uma pequena cúpula assente em colunas, de sabor neoclássico, que abrigava o sino de aviso (originalmente o sino da antiga igreja paroquial do Bombarral). O edifício sofreu diversas ampliações ao longo dos tempos, encontrando-se actualmente vazio de funções após a inauguração do novo quartel em 2013.

## O regime ditatorial e o incremento das obras públicas

Também a educação foi motivo de atenção dos primeiros executivos camarários bombarralenses, procurando suprir as carências de escolas condignas no município. O final da década de 1920 marca a elaboração de alguns projectos para escolas primárias a construir no Bombarral e em algumas das localidades do seu concelho, como seguimento da reforma do ensino realizada após a instauração do regime ditatorial no ano anterior; porém, não se tem conhecimento da construção de nenhuma destas escolas. Mais do que locais para aprendizagem dos alunos, onde as condições de salubridade, de luz e de adequação sonora eram elementos imprescindíveis, as escolas eram também estruturas imbuídas de simbolismo para as comunidades onde se inseriam, com uma estética que deveria de tornar a sua identificação imediata, mas também acomodar os símbolos nacionais, numa atitude pedagógica para a sociedade.

Desde a segunda metade do século XIX que as escolas eram, em grande parte, construídas segundo modelos-tipo elaborados por entidades pertencentes ao governo central e seguindo a legislação para a educação que ia sendo desenvolvida<sup>6</sup>. Às escolas primárias segundo os planos-tipo patrocinados a partir de 1866 por Joaquim Ferreira dos Santos (1782-1866), Conde de Ferreira, seguiram-se os planos-tipo criados pelo arquitecto



IMAGEM 185 – Antiga escola primária do Bombarral – actual sede da Junta de Freguesia do Bombarral – durante a inauguração da Avenida Inocência Cairel Simão (Foto Neves, início da década de 1950, cortesia de Luís Pereira Bernardino)

Arnaldo Adães Bermudes (1864-1948) e aprovadas em 1898; data de 1892 a criação da primeira escola de instrução pública no Bombarral, o Grémio Escolar Bombarralense, cujo edifício (actual sede da Junta de Freguesia do Bombarral) não segue os mencionados planos-tipo. A Primeira República, no seu afã de instrução do povo, tentou criar mais escolas, e neste âmbito o arquitecto Raul Lino da Silva (1879-1974) elaborou em 1918 uma proposta para planos-tipo de escolas primárias que apresentavam a mesma planimetria, mas que variavam na estética das fachadas consoante as escolas fossem construídas no norte, no centro ou no sul do país, inovando assim no sentido de criar linguagens regionais para as escolas.

De facto, Raul Lino era a figura maior do debate sobre a problemática da “casa portuguesa”, que propugnava pela procura dos valores culturais genuinamente portugueses (em reacção contra os estrangeirismos e os revivalismos anacrónicos), os quais se reflectiam na arquitectura rural portuguesa e nas técnicas construtivas tradicionais (uso de telhados com beirado, azulejos, alpendres, volumetrias mais ou menos orgânicas com adequação aos espaços e regiões em que se inseriam), buscando elementos pontuais do manuelino, do “estilo chão” ou do barroco vernáculos. Entre outros, Raul Lino foi autor dos projectos do Teatro Tivoli em Lisboa, da Casa dos Patudos em Alpiarça, da Casa do Cipreste em Sintra, e do edifício dos Paços do Concelho de Setúbal.

A instauração do regime ditatorial veio acentuar o recurso a planos-tipo de escolas primárias com características próprias regionalizadas, e terá sido nesse sentido que foram elaborados a partir de 1927, pela Repartição de Construções Escolares, projectos para algumas escolas no município do Bombarral (porém, não construídos): foram propostas escolas primárias de tipo XXV (átrio coberto com colunas, gabinete de professores, sala de aula



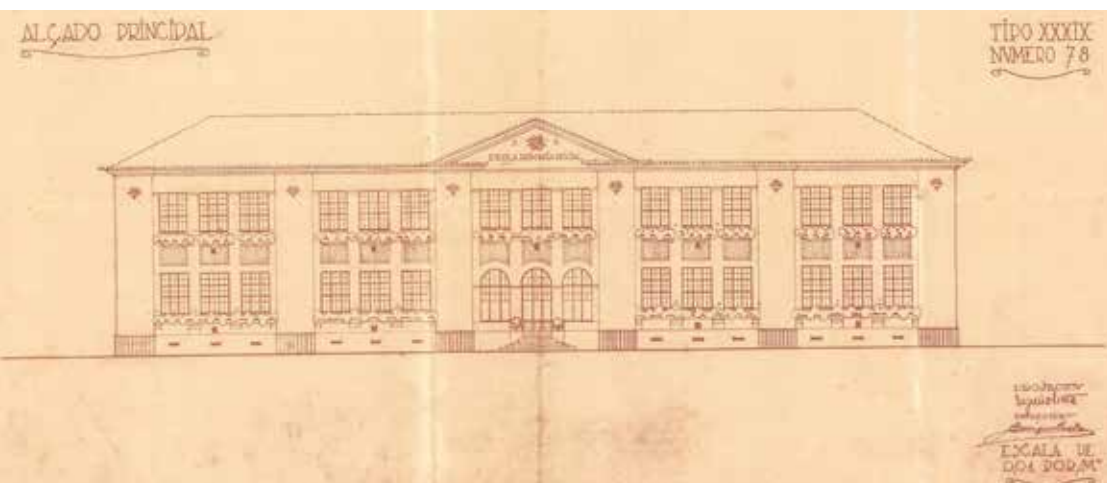


IMAGEM 186 – Projecto para a Escola Primária do Bombarral (Eugénio Correia, finais da década de 1920, Arquivo Municipal do Bombarral)

IMAGEM 187 – Projecto para a Escola Primária da Delgada (Frederico Caetano de Carvalho, 1927, Arquivo Municipal do Bombarral)

IMAGEM 188 – Projecto para a Escola Primária de São Mamede (at. Amílcar da Silva Pinto, finais da década de 1920, Arquivo Municipal do Bombarral)

IMAGEM 189 – Projecto para a Escola Primária de A-dos-Ruivos (autor desconhecido, finais da década de 1920, Arquivo Municipal do Bombarral)

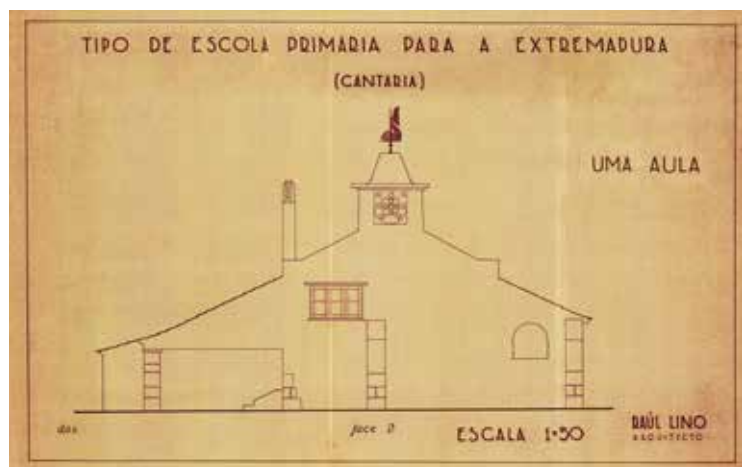


IMAGEM 190 – Projecto para a Escola Primária de Sobral do Parelhão (Raul Lino, meados da década de 1930, Arquivo Municipal do Bombarral)



IMAGEM 191 – Escola Primária de São Mamede, São Mamede (JRS, 2017)

e recreio) e tipo XXXIX (piso térreo com átrio coberto e vãos em arco, escadas, quatro salas de aulas, dois gabinetes e recreio coberto, tendo o piso superior quatro salas de aulas, dois gabinetes e museu) para a vila do Bombarral, ambas projectados pelo arquitecto Eugénio Correia (1897-1985); para a Delgada foi proposta uma escola de tipo XXI (átrio coberto com colunas, recreio coberto, gabinete do professor e sala de aula, tendo adossada a residência do professor constituída por átrio coberto com colunas, cozinha, sala de jantar, dois quartos, instalações sanitárias e átrio coberto), projectado pelo arquitecto Frederico Caetano de Carvalho (1890-1976); para São Mamede foi proposto o tipo XXXVI (átrio coberto com colunas, dois gabinetes, duas salas de aulas e recreio coberto), com provável autoria do arquitecto Amílcar da Silva Pinto (1890-1978); e finalmente para A-dos-Ruivos foi proposto o tipo XX (piso térreo com átrio coberto com vãos em arco ogival, escadas, gabinete, duas salas de aulas e recreio coberto com blocos para as instalações sanitárias, e no piso superior encontram-se o gabinete, duas salas de aulas e uma varanda), de autoria desconhecida.

A estética destes edifícios vinha na linha dos modelos regionalistas de Raul Lino, que incorporavam elementos da arquitectura rural portuguesa (cobertura com telhado e “beirado tradicional”, pintura branca, alpendres) com alguns elementos revivalistas classicizantes, barroquizantes ou mesmo goticizantes (simetria rígida, frontões, serlianas, arcos de volta perfeita ou ogivais, muretes-platibanda curvos com falso beirado) e recebendo ainda influências modernistas (janelas mais amplas, geometrização de alguns elementos das fachadas). O que reflectia, aliás, a própria obra dos arquitectos envolvidos nos projectos: Eugénio Correia foi o autor dos projectos para o Museu José Malhoa em Caldas da Rainha (a partir do projecto de Paulino Montez), o Bairro Económico de Belém em Lisboa (com Raul Lino), o Mercado de Chaves ou a Colónia Agrícola de Santo Isidro de Pegões (Montijo); Frederico Caetano de Carvalho projectou a Estação Fluvial

de Belém e o Bairro Social do Bairro do Cego (com Adães Bermudes e Edmundo Tavares), ambas em Lisboa; e Amílcar da Silva Pinto projectou os novos edifícios da Emissora Nacional em Lisboa (com Adelino Nunes e Jorge Segurado), a reabilitação do Teatro Rosa Damasceno em Santarém e o Cine-Teatro de Almeirim.

A aldeia de Sobral do Parelhão viria a receber um projecto mais tardio de Raul Lino que, a partir de 1935, havia começado a desenvolver, com o arquitecto Rogério de Azevedo, planos-tipo para escolas primárias regionalizadas inspiradas na arquitectura vernacular, sob a alçada da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) e sob o impulso de Duarte Pacheco, Ministro das Obras Públicas e Comunicações do regime ditatorial do Estado Novo. Estes projectos caracterizavam-se por uma simplificação dos espaços interiores e dos acabamentos exteriores, permitindo a construção de escolas a baixos custos e em série. Se Rogério de Azevedo elaborou os modelos para o norte do país, Raul Lino desenvolveu-os para o sul segundo quatro tipos (Extremadura, Ribatejo, Alentejo e Algarve). A escola de Sobral do Parelhão, nunca construída segundo este projecto, seria de tipo Extremadura, com alpendre de entrada, gabinete, sala de aula, recreio coberto e instalações sanitárias; a cobertura seria de telhado com duas águas, com paredes rebocadas e pintadas de branco, e a fenestração seria simples e em pequeno número; o escudo nacional apresentar-se-ia com grande destaque, no topo da empena principal.

A partir de 1944 e durante os 25 anos seguintes, foram construídas mais de 8.000 escolas primárias pelo país fora, no âmbito do Plano dos Centenários, o que permitiu reduzir a taxa de analfabetismo em Portugal. Devido ao elevado número de construções, e de forma a potencializar a economia de meios e a rapidez de execução, foram adaptados os planos-tipo regionalizados de Raul Lino e de Rogério de Azevedo, desta feita distribuídos por seis regiões distintas. As escolas existentes no município do Bombarral que foram construídas durante



o Plano dos Centenários terão sido projectadas pelo arquitecto Eduardo Moreira dos Santos, o responsável na DGEMN pelos projectos das escolas na região de Lisboa. São exemplificativas desta época (décadas de 1940 e 1950) as escolas primárias de São Mamede, do Sanguinhal, do Salgueiro, do Barrocalvo, do Pó, do Vale Côvo, da Portela ou do Bombarral (inaugurada em 1956), que se incluem no tipo Estremadura.

Além da adaptação das construções aos materiais disponíveis em cada região, adoptou-se sempre que possível simetrias nas edificações para permitir a separação dos sexos, e procedeu-se a uma simplificação dos elementos decorativos das fachadas, sem contudo deixar de evidenciar os símbolos nacionais (sobretudo o escudo nacional) e os elementos considerados tipicamente portugueses. Assiste-se aqui ao implemento de uma estética muitas vezes designada como “português suave”, onde o tradicionalismo vernacular e ruralizante simples (paredes com fenestração simples, profusão de alpendres, telhados com beirado tradicional) se sobrepõe, no caso da província, a uma tecnologia construtiva moderna (estrutura de betão armado e alvenaria de tijolo). Mais à frente iremos cruzar-nos novamente com esta estética, quando se falar do hospital do Bombarral.

Confrontando, de certo modo, estas “arquitecturas aportuguesadas”, desenvolve-se paralelamente um outro modo arquitectónico de índole mais internacional: a arquitectura modernista, que num primeiro momento surge em Portugal intimamente associada (fundindo-se mesmo, em muitos casos) com a estética *art déco*<sup>7</sup>. A racionalização dos volumes, a introdução assumida do betão armado, os elementos decorativos geométricos privilegiando as linhas verticais e horizontais, o uso criterioso da cor, da madeira, dos azulejos, dos relevos ornamentais, do vidro e do *lettering*. Se os exteriores eram relativamente sóbrios, já os interiores assumiam frequentemente uma relativa riqueza decorativa, não obstante o desenho geometrizante (por vezes com um movimento produzido por algumas linhas curvas). Em maior ou menor grau, com mais ou menos atraso, esta arquitectura foi chegando até aos municípios mais pequenos, tendo sido utilizado sobretudo entre as décadas de 1920 e 1940.

As primeiras estações rodoviárias no Bombarral terão sido construídas seguindo precisamente as influências desse primeiro modernismo português<sup>8</sup>. Quando em 1933 Artur Eduardo Capristano e o abastado comerciante de vinhos bombarralense Joaquim Ferreira dos Santos fundam, em sociedade, a empresa Capristano & Ferreira Lda., terão mandado construir, por essa altura, a estação rodoviária e sede da sua empresa junto à Rua Dom Afonso Henriques, no Bombarral. Dois anos depois, em 1935, foi feita uma remodelação da fachada lateral da estação rodoviária que dava para a rua principal, de modo a dotá-la com “linhas modernas”. O edifício mostrava traços claramente modernistas, como as janelas horizontais, o uso de elementos verticais e horizontais, as platibandas simples e o próprio *lettering* da empresa numa estética *art déco*. A

rápida expansão do negócio motivou o pedido de ampliação da garagem em 1939, algo que foi concedido; a linguagem arquitectónica utilizada para a ampliação seguiu a do edifício preexistente. O arquitecto Raul Lopes, que fez a remodelação de 1935, poderá ter sido também o autor do projecto inicial de arquitectura e da ampliação de 1939.

Porém, em meados da década de 1940, ambos os sócios resolveram separar-se, ficando Artur Capristano com a empresa e Ferreira dos Santos com os bens imobiliários (a garagem e a sede incluídas). Terá sido certamente essa a causa pela qual a sede da empresa mudou, em 1949, para Caldas da Rainha, deixando a estação do Bombarral de ter a importância que antes possuía. De facto, nesse mesmo ano foi inaugurada a estação rodoviária de Caldas da Rainha, considerada na época uma das melhores de toda a Península Ibérica. O projecto foi do arquitecto Ernesto Camilo Korrodi (1905-1985) – filho de Ernesto Korrodi – que, de resto, haveria de projectar para a empresa de Artur Capristano as estações rodoviárias da Nazaré e de Alcobaça. Camilo Korrodi projectou, com o seu pai, o Café Imperial no Porto, o Cine-Teatro de Alcobaça e o Cine-Teatro de Castelo de Vide, tendo projectado também a solo a Garagem Ford e a Casa dos Magistrados, ambos em Leiria.

Com a diminuição da importância da estação rodoviária do Bombarral diminuíram também as necessidades de espaço; Artur Capristano, que pagava uma renda a Ferreira dos Santos para continuar a utilizar a garagem do Bombarral, terá decidido construir uma nova garagem de menor dimensão na mesma vila, mas agora situada na Praça do Município, a escassos 150 metros da estação inicial. Conhece-se o projecto de remodelação da fachada do edifício de dois andares que viria a albergar os escritórios, bilheteira, sala de espera e instalações sanitárias da nova estação, o qual pertencia a Artur Capristano. Camilo Korrodi terá feito o projecto de remodelação da fachada do edifício, simplificando a estética *art déco*, bem como a ampliação da garagem para as camionetas, situada na parte de trás do edifício. Em 1961 os filhos de Artur Capristano venderam a sua empresa à João Claras & Cia. (Irmãos) Lda., de Torres Novas, tendo-se mantido aí a estação rodoviária até 1996. Já o edifício da estação rodoviária inicial, que havia ficado na posse de Ferreira dos Santos, foi destinado depois a albergar o Grémio da Lavoura do Bombarral, tendo em meados da década de 1970 sido repartido entre várias empresas.

Outro edifício onde era claramente visível a estética *art déco* do primeiro modernismo português era o Cine-Teatro do Bombarral, inaugurado em Junho de 1942 por iniciativa de Pompílio Pina e de sua esposa Arminda Pina, sendo o projecto do arquitecto António Simões<sup>9</sup>. A fachada principal estava dividida em dois volumes distintos, mediante um elemento vertical onde se encontrava o *lettering* do edifício. O volume mais alto à direita correspondia ao átrio de entrada, bilheteira, sala de projecção, auditório (dividido entre plateia no nível térreo e balcão no nível superior), palco e bastidores, enquanto o volume mais baixo à esquerda continha as instalações sanitárias,

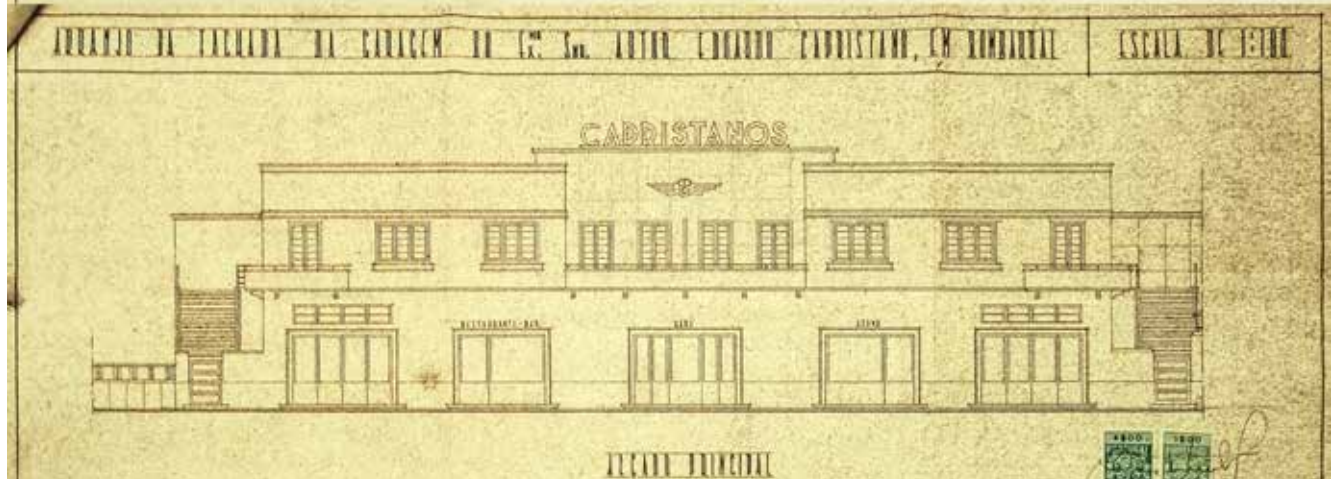
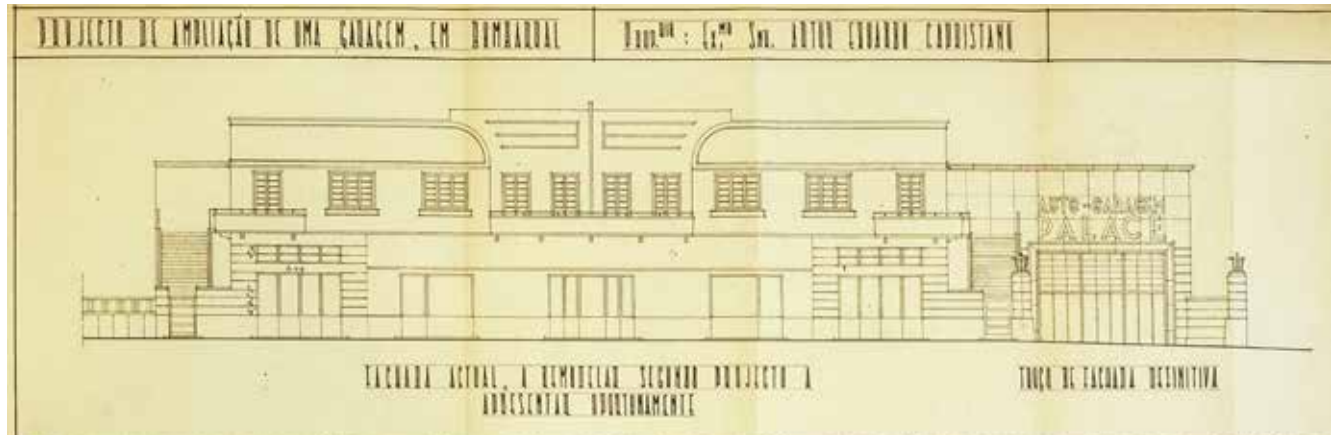
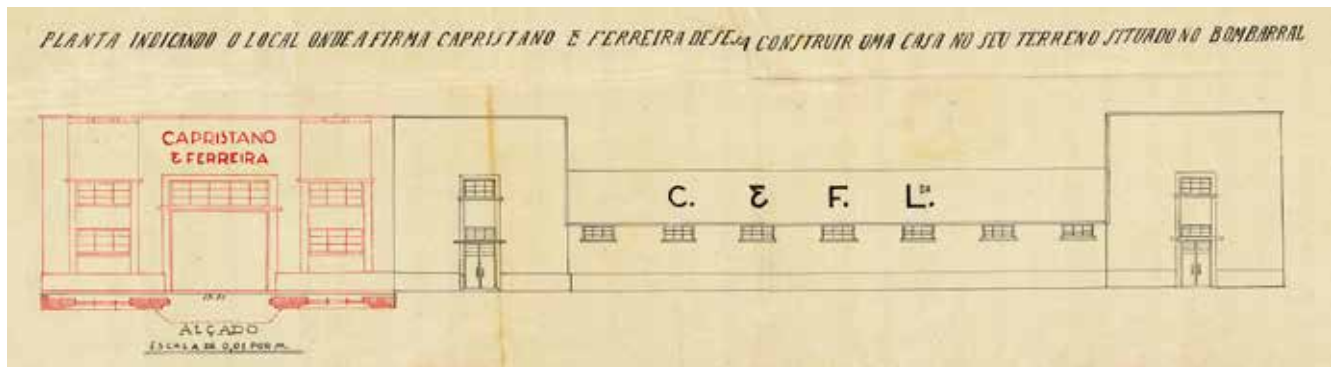


IMAGEM 192 – Projecto de ampliação da estação rodoviária Capristano & Ferreira Lda., Bombarral (Raul Lopes, 1939, Arquivo Municipal do Bombarral)

IMAGEM 193 – Projecto da estação rodoviária Capristano & Ferreira Lda., Bombarral (Camilo Korrodi, 1949-50, Arquivo Histórico da Rodoviária do Tejo – cortesia de Jorge Custódio; Arquivo Municipal do Bombarral)



IMAGEM 194 – Estação rodoviária Capristano & Ferreira Lda., Bombarral (J. A. Sallé, década de 1940, cortesia de Luís de Matos)

IMAGEM 195 – Estação rodoviária João Claras & Cia. (Irmãos) Lda., Bombarral (autor desconhecido, c.1950, cortesia de Joaquim Rodrigues dos Santos)



IMAGEM 196 – Projecto de alteração da fachada do Cine-Teatro do Bombarral (Raul Coelho, 1969, Arquivo Municipal do Bombarral)

IMAGEM 197 – Cine-Teatro do Bombarral (Foto Neves, década de 1970, Museu Municipal do Bombarral)

IMAGEM 198 – Interior do Cine-Teatro do Bombarral (Foto Neves, década de 1970, cortesia de Luís de Matos)



escada, bar e serviços. As janelas dividiam-se entre aquelas com acentuado pendor vertical, e as redondas, que pontuavam as primeiras por baixo (as da esquerda) ou em cima (as da direita); uma grande porta de vidro antecedida por uma escadaria marcava a entrada principal do edifício; no interior, o balcão superior e os corrimãos com angulosas curvas permitiam também vislumbrar a estética *art déco*. Em 1969 a fachada foi alterada segundo o projecto do arquitecto Raul Coelho – do qual se voltará a falar mais adiante –, tendo sido acrescentada a pala sobre a entrada principal e floreiras sob as janelas verticais, o que lhe veio conferir maior interesse pela conjugação destes elementos horizontais com os verticais preexistentes. O cine-teatro foi demolido em 1981, perdendo-se assim a única sala concebida especialmente para sessões de cinema no município do Bombarral.

## O surto construtivo nas celebrações dos centenários

A partir de finais da década de 1930, este primeiro modernismo começou a recrudescer em prol de uma outra estética amiúde patrocinada pelo regime do Estado Novo e que, por isso mesmo, muitas vezes é denominada como “arquitectura do regime” ou “arquitectura do Estado Novo”. Esta arquitectura, que certamente colheu influências provenientes de países onde vigoravam regimes ditatoriais de índole fascista (Alemanha, Itália, Espanha), bebia a sua inspiração no monumentalismo classicizante, onde racionalismo, simetria, sentido de proporção e austeridade – concedida por fachadas simples interrompidas pela fenestração – se combinavam com persistências do modernismo, nomeadamente o uso generalizado do betão armado e a inserção de alguns vãos com maior amplitude horizontal. Sobretudo nas grandes cidades e em edifícios de representação (tribunais, estações dos correios, agências da Caixa Geral de Depósitos), começam a ser visíveis edificações com colunatas colossais (geralmente as colunas eram substituídas por pilares de secção quadrada) e por vezes com volumes verticais marcando a composição, imperando a estilização de elementos decorativos e estruturais onde o destaque se fazia sentir nas entradas principais dos edifícios, algumas com ornamentação estilizada barroquizante. Esta estética era temperada com influências historicistas do Passado português, bebendo muitas influências principalmente no “estilo chão” quinhentista e seiscentista, na “arquitectura pombalina” setecentista e no neoclassicismo oitocentista.

Embora não sendo um edifício estatal, a antiga sede da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Bombarral poderá inserir-se nesta lógica de arquitectura do regime: sendo a sede de uma instituição bancária de enorme importância no município, a sua arquitectura reflectiria precisamente



IMAGEM 199 – Projecto da sede da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Bombarral (Raul Tojal, 1940, Arquivo Municipal do Bombarral)

IMAGEM 200 – Sede da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Bombarral (Foto Neves, década de 1970, cortesia de Luís Pereira Bernardino)

essa relevância, adoptando assim uma linguagem arquitectónica apadrinhada pelo Estado Novo. Localizada num galveto entre a Rua Luís de Camões (na época a principal artéria estruturante da vila) e a Rua do Comércio, a ampliação e remodelação da sede da instituição bancária, realizada em 1940 pelo arquitecto Raul Tojal (1899-1969), possibilitou que esta assumisse preponderância visual e urbanística. Raul Tojal foi autor dos projectos para o Hotel Estoril-Sol em Cascais, o Hotel Algarve na Praia da Rocha (Portimão), o Café Palladium e a Igreja dos Santos Apóstolos (as duas últimas em Lisboa), bem como a remodelação do Forte de São Julião da Barra em Oeiras, do Café Nicola e do Conservatório Nacional de Lisboa.



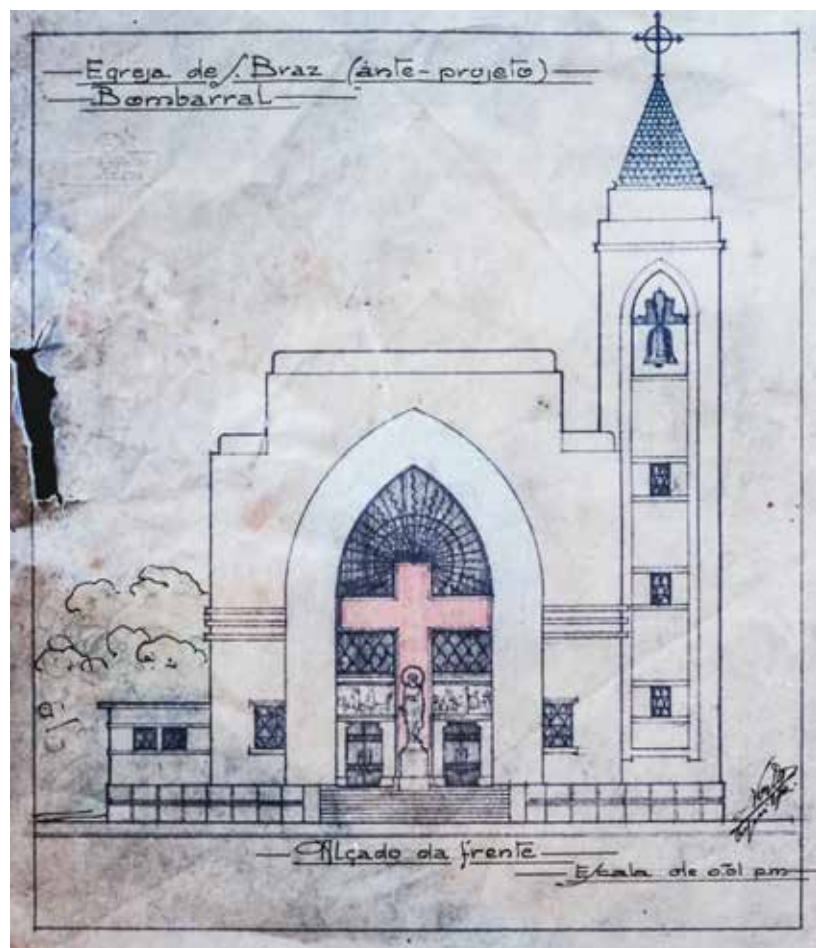


IMAGEM 201 – Proposta “modernista goticizante” de Norte Júnior para a igreja do Bombarral (Norte Júnior, 1944, cortesia dos herdeiros de Abel Pereira da Fonseca)

Após a sua ampliação e remodelação, o edifício da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo adquiriu uma imponência no contexto da pequena vila, proporcionada pela localização urbana, pela simetria nas fachadas e fenestração e, sobretudo, pela monumentalização sóbria da entrada principal situada na esquina do gaveto, cujo ênfase é concedido mediante o tratamento diferenciado da porta e, principalmente, pela varanda colunada classicizante ao nível do piso superior. Da entrada principal no piso térreo (mais elevado que o nível da rua) acedia-se à sala de atendimento ao público, por trás da qual se situavam escritórios, a casa-forte e instalações sanitárias; o piso superior apresentava-se amplo, dedicada à sala das assembleias.

Outro edifício exibindo afinidades com a arquitectura do regime era a nova igreja do Bombarral, a qual apresentava também ela, de certo modo, um simbolismo na representação do regime, face à proximidade que este tinha com a Igreja Católica (visível na trilogia “Deus, Pátria e Família”, propagandeada ideologicamente pelo Estado Novo). Desde que a anterior igreja paroquial havia sido vandalizada (1915), queimada (1918) e finalmente demolidas as suas ruínas (1924), que a vila do Bombarral não possuía um

local condigno e proporcionalmente adequado onde pudessem ser realizadas as celebrações religiosas. Segundo Dóris Santos<sup>10</sup>, foi por indicação do padre Fernando dos Santos Diogo que o arquitecto leiriense Fernando de Barros Santa-Rita (1891-1977), responsável pelo projecto de restauro e reintegração da Igreja de Santo Agostinho em Leiria e pelo Plano Geral de Urbanização de Leiria (1948), apresentou em 1944 um ante-projecto para a nova igreja, preterido no entanto pelos elevados encargos financeiros que tal acarretaria e ainda pela estética modernista que deveria apresentar: a igreja proposta para o Bombarral teria afinidades com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (Lisboa), projectada pelo arquitecto Porfírio Pardal Monteiro e “cuja arquitectura pouca gente aprova por não parecer uma igreja católica”. O Padre Diogo, de resto, solicitaria alguns meses mais tarde ao arquitecto Santa-Rita um esboço da fachada em “estilo joanino, ou seja Joanino a tender para o gosto actual”.

Face a este primeiro revés, foram convidados nesse mesmo ano outros arquitectos para apresentarem também os seus projectos para a igreja: o grupo portuense ARS – Arquitectos, dos arquitectos António Fortunato Cabral (1903-1978), Mário Morais Soares (1908-1975) e Fernando da Cunha Leão (1909-1990), autores dos projectos para a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, o Palácio Atlântico e o Mercado do Bom Sucesso (todos no Porto), o Mercado Municipal de Matosinhos e o Seminário de Santa Joana Princesa em Aveiro; e Manuel Joaquim Norte Júnior (1878-1962), que havia projectado alguns edifícios para o Bombarral por encomenda de Abel Pereira da Fonseca e foi autor dos projectos para a Casa Malhoa, a Villa Sousa e a Pensão Tivoli (todos em Lisboa e galaroadados com o Prémio Valmor), o Palace Hotel da Curia, o Palácio Fialho em Faro ou o Casino de Sintra, entre outros.

Apenas se conhecem as propostas de Norte Júnior, que apresentou uma planta basilical de nave única, com uma torre sineira à direita da entrada principal e o baptistério à esquerda, e com a sacristia de um lado da capela-mor e uma sala do outro lado. Para a fachada principal da igreja, Norte Júnior propôs duas soluções distintas mas com fortes componentes historicistas ao nível estético. Uma das propostas caracterizava-se pela volumetria simples, elementos decorativos sóbrios e uso de linhas rectas, onde ao volume horizontal da nave da igreja se contrapunha a verticalidade da torre sineira; a excepção seria a entrada principal da igreja, onde um enorme arco ogival incorporaria uma grande cruz, baixos relevos, uma estátua, aparentemente um conjunto de enormes vitrais e duas portas. Esta fachada mostrava uma hesitação entre a arquitectura modernista (com similitudes, na composição volumétrica, à anteriormente mencionada igreja lisboeta projectada por Pardal Monteiro) e a arquitectura do regime (utilização pontual de elementos revivalistas, como o grande arco ogival, também visível por exemplo em algumas igrejas lisboetas contemporâneas dessa altura, como a Igreja de São João de Deus, projectada pelo arquitecto António Lino, ou a Igreja do Santo Condestável,

projectada pelo arquitecto Vasco Regaleira – arquitecto que havia projectado também a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Caldas da Rainha).

A outra proposta mostrava-se porém significativamente mais revivalista na sua linguagem arquitectónica, a qual se basearia no barroco português da época joanina: um arco de volta perfeita dominava a fachada, no interior do qual se encontrava a entrada principal composta por três portas inscritas num arco abatido, sobre o qual se abria um balcão delimitado por uma balaustrada e com uma estátua ao centro, encontrando-se por trás deste uma rosácea envolta por um painel de azulejos; o coroamento da igreja consistiria num frontão curvilíneo com pináculos, com um beirado decorativo, com um painel de azulejos e com alguns elementos decorativos pétreos esculpidos; as janelas ladeando a entrada principal aparentavam pertencer a um reportório barroquizante embora mais simples, e a torre sineira possuiria uma cobertura com telhado duplo. Estas características são patentes nos trabalhos de vários arquitectos ainda com formação ligada aos ecletismos e revivalismos, que tentaram transmitir um portuguesismo nos seus projectos e que originaram, em muitos casos, o que por vezes se chama de “estilo tradicional português”, onde a profusão de beirados e telhados, de alpendres e arcos, de canteiros e painéis de azulejos, de frontões curvos e outros elementos decorativos barroquizantes, usando muitas vezes técnicas construtivas modernas e planimetrias não associadas às tradicionais, acabam por resultar em “pastiches” neotradicionalistas. É o caso desta proposta de fachada elaborada por Norte Júnior para a nova igreja do Bombarral, bem assim como a casa da Quinta das Cerejeiras, também no Bombarral, feita pelo mesmo arquitecto para Abel Pereira da Fonseca, sobre a qual nos falará Dóris Santos no seu texto.

A comissão fabriqueira para a nova igreja viria, porém, a eleger uma segunda proposta desenvolvida por Fernando Santa-Rita em 1946, a qual respondia aos anseios da comissão para construir uma igreja relativamente mais económica, com uma matriz funcional e uma estética fundamentadas em elementos tradicionais mas que, ao mesmo tempo, assumia o despojamento e simplicidade modernista, na linha da arquitectura do regime. Apresentava ainda um significativo impacto visual urbano, potenciado pelo largo fronteiro que lhe fazia frente e que era bordejado pela Rua Luís de Camões. Com efeito, inicialmente prevista a sua construção para a terreno situado a sul do Palácio dos Henriques – futuros Paços Municipais do Bombarral –, a localização da Igreja do Santíssimo Salvador do Mundo viria a ser definida para a Praça José Pereira de Carvalho, no lado oposto da Mata Municipal, onde até 1957 acontecia o mercado a céu aberto.

A nova igreja exhibe uma planimetria inteiramente convencional e baseada na planta basilical com três naves de seis tramos, onde duas pequenas capelas laterais no primeiro tramo permitem uma breve aproximação à cruz latina sem que contudo seja assumida a existência de um transepto; o corpo da igreja é antecedido por um nártex, o



IMAGEM 202 – Proposta neobarroca de Norte Júnior para a igreja do Bombarral (Norte Júnior, 1944, cortesia dos herdeiros de Abel Pereira da Fonseca)

qual era ladeado pelo baptistério à esquerda e pelas escadas de acesso ao coro alto à direita; a capela-mor é coberta com uma abóbada de berço rasgada por nove janelas estreitas, cuja iluminação proporciona um destaque imediato para este local de celebração; a ladear a capela-mor fica a sacristia do lado do Evangelho e um escritório (hoje casa mortuária) do lado da Epístola, ficando o sacrário ao fundo. A cobertura da nave central com telhado de duas águas reflecte-se interiormente, mediante um tecto de madeira com caixotões suportado por arcos de volta perfeita em betão armado e com tramos de parede rendilhadas; as naves laterais são cobertas por um telhado de uma água mais baixo que a nave central – que possui uma altura enorme –, o que permite a abertura de grandes janelões ao nível superior que iluminam abundantemente a nave central. Toda a decoração interior é muito espartana, feita através da iluminação, de jogos de cor dos diversos materiais utilizados, das volumetrias e da colocação de algumas obras de arte pontuais em pontos estratégicos.

O sistema tripartido de naves era perceptível no exterior e volumetricamente ao nível da fachada, cuja imponência era vincada pela grandiosa torre central que



IMAGEM 203 – Projecto de Fernando de Barros Santa-Rita para a igreja do Bombarral (Fernando Santa-Rita, 1946, Arquivo da Paróquia do Bombarral)

IMAGEM 204 – Igreja do Bombarral (J. A. Sallé, década de 1950, cortesia de Dóris Santos)

IMAGEM 205 – Interior da igreja do Bombarral (JRS, 2017)

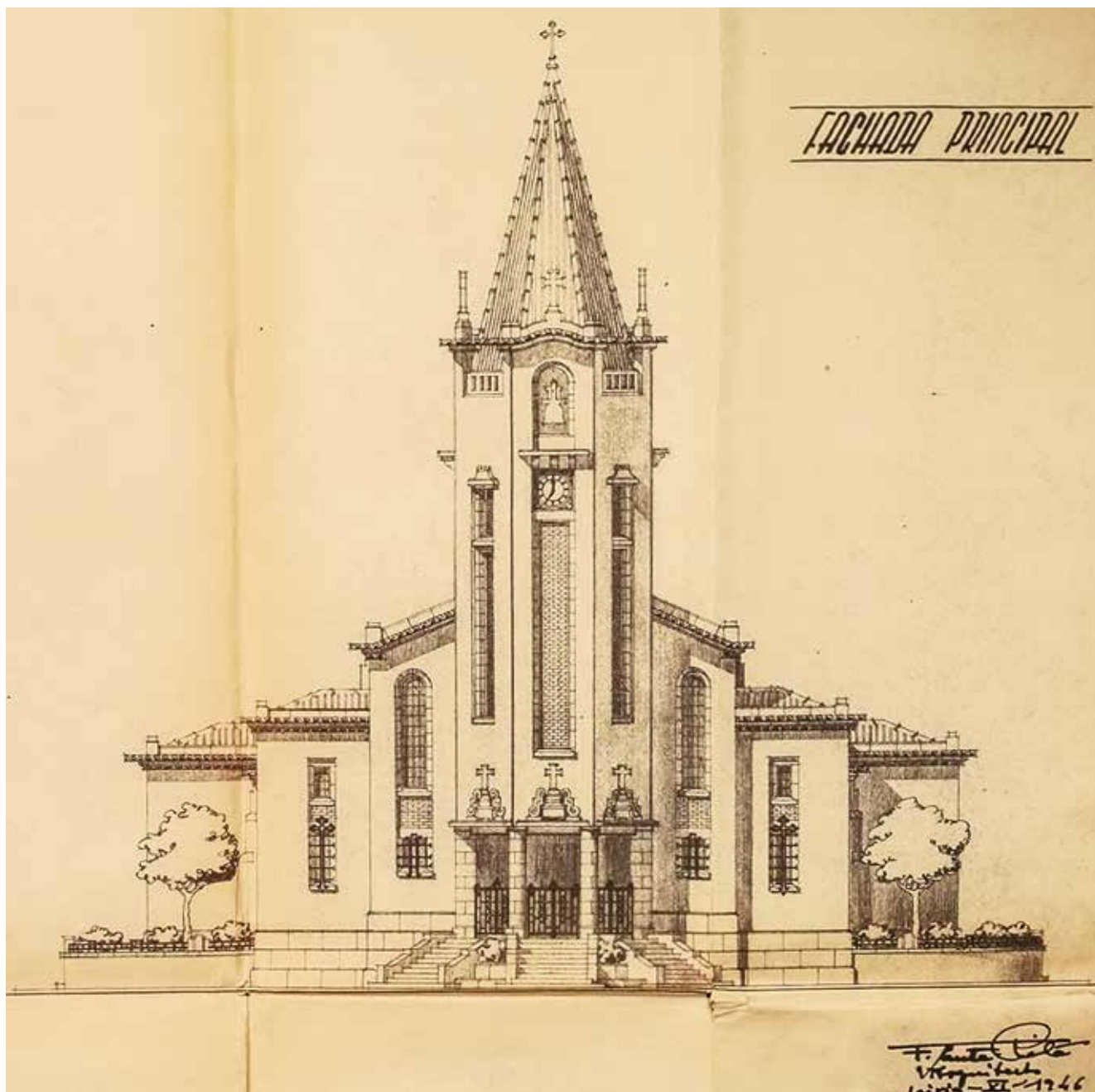
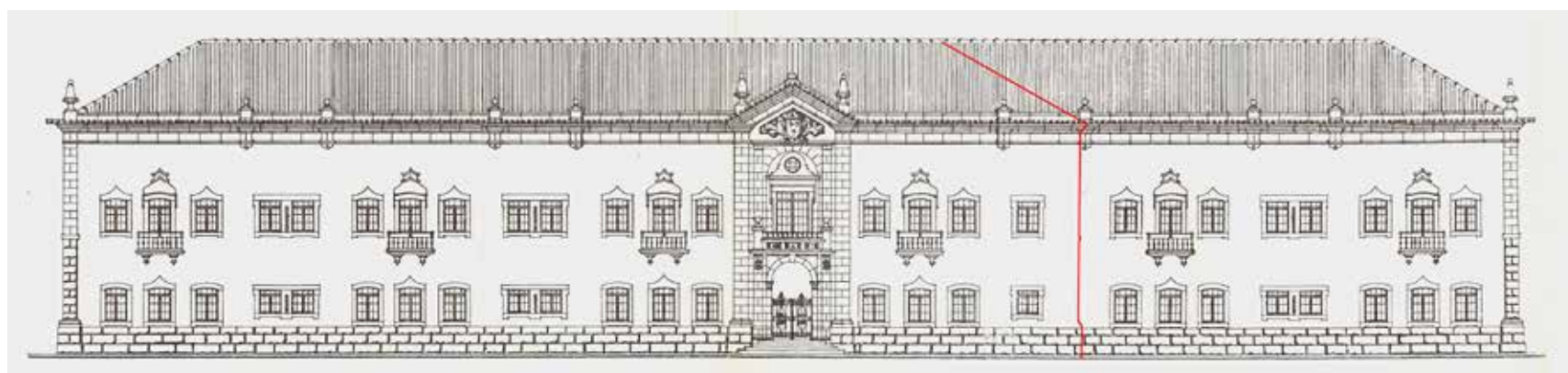


IMAGEM 206 – Paços do Município do Bombarral (Foto Neves, década de 1950, cortesia de Luís Pereira Bernardino)

IMAGEM 207 – Projecto com a ampliação do Palácio dos Henriques para adaptação a Paços do Concelho (Fernando de Barros Santa-Rita, 1947, Arquivo Municipal do Bombarral)



marcava a entrada principal da igreja. Embora não tendo um uso muito generalizado no panorama arquitectónico português, as igrejas com torre central na fachada não eram de todo desconhecidas, encontrando-se principalmente em zonas de fronteira. Este tipo viria a ser recuperado pelo regime ditatorial, que a aplicou por exemplo na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, projectado pelo arquitecto holandês Gerardus Samuel van Krieken (1864-1933) e inaugurada em 1953. A fachada com torre octogonal da igreja bombarralense tem, aliás, afinidades com a Igreja de Nossa Senhora da Piedade e Santos Passos em Penafiel (vulgarmente chamada Santuário do Sameiro), de finais de Oitocentos. Se por um lado a colunata que dava acesso ao nártex na base da torre (antecedido por três escadarias) e as janelas de verga recta ou de volta perfeita que ladeavam a torre davam a ilusão de um certo classicismo, já a altura da torre e a sua cobertura, com uma espécie de pináculo telhado, parecem aludir a um certo goticismo, latente nessa mesma verticalidade (que também agradaria aos próprios promotores da arquitectura do regime). Não tendo sido parte do projecto inicial, foi inserido no tramo central da torre sineira um alto-relevo da autoria do escultor Luís Fernandes (1895-1954), alusivo ao orago da igreja. A igreja viria a ser inaugurada a 5 de Julho de 1953.

Para além da construção de novos edifícios com maior ou menor monumentalidade, a representação estatal fazia-se também mediante a reabilitação de edifícios nobres

antigos – uma prática que vinha já de séculos passados. Desde a criação do novo município do Bombarral que se procurava dotar a vila com uma sede condigna que albergasse os Paços do Município. Depois de provisoriamente instalados numa moradia na Rua da Madalena e, depois, num edifício de gaveto existente entre a Rua Luís de Camões e Rua Adriano da Silva Nunes, em 1927 iniciaram-se as conversações entre o executivo camarário e Joaquim Camilo, dono do Palácio dos Henriques (na época também chamado Palácio Camilo), com vista precisamente à aquisição do palácio para a instalação dos paços concelhios<sup>11</sup>. Em 1943 foi recebido o ante-projecto para a remodelação do Palácio dos Henriques, apresentado por Fernando de Barros Santa-Rita que, como vimos antes, viria a trabalhar também, pouco tempo depois, na nova igreja do Bombarral. O ante-projecto de Santa-Rita previa a instalação de um número elevado de repartições dentro do palácio, recorrendo à divisão das salas existentes e instalando alguns dos serviços em edificações existentes nas traseiras do palácio. O executivo camarário não terá gostado particularmente desta solução, visto que em 1945 foram apresentados dois novos projectos para o palácio.

Sabendo-se que o palácio era demasiado pequeno para instalar todos os serviços necessário ao funcionamento municipal, o projecto do arquitecto António Varela (1903-1962) propunha a remodelação e ampliação do edifício. António Varela havia projectado a casa de José Manuel Ferrão (Casa de Alcolena) no Restelo (Lisboa), a





IMAGEM 208 – Hospital do Bombarral  
(Foto Neves, década de 1950, cortesia  
de Luís Pereira Bernardino)

fábrica de conservas Algarve Exportador Lda. em Matosinhos, a Fábrica de Benito Garcia na Afurada (Vila Nova de Gaia) e o Cinema Império em Lisboa (com o arquitecto Cassiano Branco), entre outras. Além do executivo camarário e repartições municipais, o arquitecto propunha a instalação da Guarda Nacional Republicana, do registo civil, de uma secção de finanças, da delegação de saúde, de uma biblioteca e museu e ainda de uma secção para julgado municipal. A instalação de todas estas funções far-se-ia mediante a criação de um piso subterrâneo e da adição de um novo bloco edificado nos dois extremos do palácio, tornando-o assim um edifício em U – além da construção de um outro edifício anexo, localizado na parte de trás do palácio. Este projecto não foi, porém, aceite pelo executivo camarário, talvez porque a situação financeira não permitiria a sua execução.

Já o projecto de Santa-Rita, depois de remodelada a versão do ante-projecto e expurgada de funções anteriormente para aí propostas (casa do guarda, habitação do comandante da GNR), acabou por ser aceite e executada. Em 1947 o mesmo arquitecto propõe a ampliação do palácio para albergar mais condignamente os serviços municipais: a ala norte seria prolongada até se alcançar uma simetria em relação à entrada principal do palácio – que certamente recuperaria, de resto, as intenções iniciais dos promotores da construção do palácio, que por vicissitudes várias não terão chegado a terminá-lo. Em 1949 viriam a ser inaugurados os novos Paços do Concelho do Bombarral, os quais receberam, já no nosso século, uma empreitada de reabilitação.

Em paralelo com a arquitectura do regime de índole classicizante e monumentalizante presente nas grandes cidades e nos equipamentos estatais mais importantes, a estética do “português suave” manter-se-ia também com maior aderência nas pequenas vilas de província, por ser mais adaptada às escalas locais. De facto, com a criação em 1933 do Secretariado de Propaganda Nacional, Turismo e Cultura Popular (SPN) – que em 1945 mudaria o nome para Secretariado Nacional de Informação, Turismo e Cultura Popular (SNI) –, o ministro António Ferro patrocinou a “Campanha do Bom Gosto”, que se inseria numa filosofia cultural denominada como “Política do Espírito”, a qual pretendia reconquistar o espírito português através da recuperação das grandes obras, elevação do gosto português, revivificação das tradições populares portuguesas, melhoramento da paisagem nacional e difusão do espírito, cultura e arte nacionais. Esta política teve repercussões também na arquitectura, que procurou conjugar modernidade e tradição portuguesa.

Tal poderia verificar-se no Hospital Casimiro da Silva Marques, situado na Avenida Inocência Cairel Simão, no Bombarral<sup>12</sup>: projectado pelo arquitecto João Simões (1908-1993), foi inaugurado em 15 de Julho 1951, três décadas e meia depois do projecto de António da Silva Júnior para um hospital na vila. João Simões foi o vencedor de um concurso (por convite) para a concepção do hospital realizado em 1945, onde participaram também os arquitectos Eugénio Correia – autor de dois planos-tipo para escolas primárias propostas para o Bombarral, antes mencionados –, Manuel Joaquim Norte Júnior – também já

mencionado anteriormente –, Januário Godinho de Almeida (1910-1990) e Luís Benavente (1902-1993)<sup>13</sup>. Luís Benavente foi autor, entre outros, dos projectos para o Hospital Sobral Cid em Coimbra, o Bairro da Madre Deus, o Mercado de Arroios, a sede do Automóvel Clube de Portugal (todos em Lisboa), mas sobretudo de projectos de restauro em Portugal e nos seus territórios ultramarinos, como as obras no Palácio Foz em Lisboa, o arranjo do Museu Machado de Castro em Coimbra, o restauro do Palácio de Seteais em Sintra, e ainda obras de restauro na Cidade Velha da Ribeira Grande de Santiago (Cabo Verde) ou na cidade de São Tomé (São Tomé e Príncipe); já Januário Godinho projectou por exemplo o Liceu Nacional de Viana do Castelo, a parte arquitectónica da Hidroeléctrica do Cávado, o Palácio da Justiça em Lisboa e o Mercado de Ovar.

O projecto do hospital bombarralense foi promovido a instâncias da benemérita Inocência da Silva Cairel Simão, sobrinha do também filantropo Casimiro da Silva Marques, que daria o nome ao hospital. O projecto de João Simões apresentava-se com uma linguagem mais depurada que o projecto antecessor de 1916, mas também com uma dimensão superior e com condições higiénico-sanitárias mais modernas. João Simões havia sido autor dos projectos para o Pavilhão da Secção da Vida Popular na Exposição do Mundo Português (actual Museu de Arte Popular, elaborado com o arquitecto António Reis Camelo), o Estádio da Luz, a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres (Salesianos) e o edifício Pedro Álvares Cabral (Armazéns Frigoríficos e da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, actual Museu do Oriente) em Lisboa, ou ainda o Mercado do Cartaxo, a Caixa Geral de Depósitos da Figueira da Foz e a Sé de Bissau (com Galhardo Zilhão).

À primeira versão do projecto sucedeu-se uma segunda, aprovada pela Comissão das Novas Construções Hospitalares em 1949, que apresentava no piso semi-subterrâneo a cozinha e lavandaria, no piso térreo a recepção, sala de espera, consultórios, escritórios administrativos, blocos de operações e internamento masculino, e no piso superior a maternidade, internamento feminino, alojamento de enfermeiras e uma pequena capela. A estética exterior do edifício era sóbria, com coberturas com telhados de várias águas, e com paredes de alvenaria rebocada e pintada de branco pontuada por uma marcação ritmada da fenestração de formato vertical; ainda assim, eram visíveis elementos derivados do modernismo. João Simões convidava, por vezes, artistas plásticos para elaborarem composições artísticas para os seus edifícios, como sucedeu com Salvador Barata Feyo e Leopoldo de Almeida. Não admira por isso que o artista bombarralense Vasco Pereira da Conceição tenha sido convidado a colaborar com João Simões no projecto do hospital bombarralense; porém, o baixo-relevo que ficaria inserido na fachada principal do hospital nunca chegou a ser colocado, mantendo-se vazio até aos nossos dias o espaço destinado à obra artística<sup>14</sup>. Após ter vindo a perder importância como unidade de saúde, em 2006 o hospital foi remodelado pela Santa Casa da Misericórdia do Bombarral.

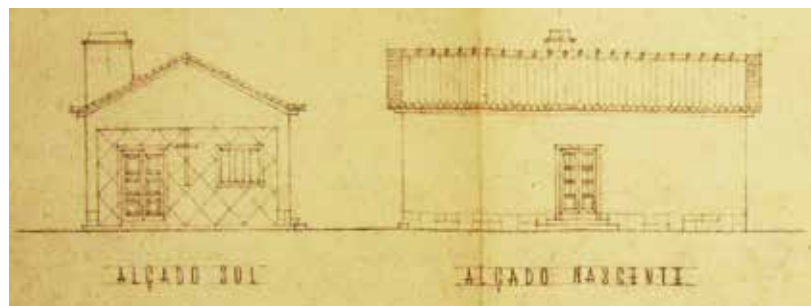


IMAGEM 209 – Projecto da capela mortuária do hospital do Bombarral (Carlos Oliveira Ramos, c.1952, Arquivo Municipal do Bombarral)

## O pós-guerra e a recuperação económica

Junto ao hospital situava-se uma singela capela mortuária projectada pelo arquitecto Carlos Manuel Oliveira Ramos (1922-2012), autor dos projectos para o edifício do Laboratório Pasteur nos Olivais, o Estádio do Restelo (com o arquitecto Jorge Teixeira Viana) ou a sede da Diamang – Companhia de Diamantes de Angola, actual sede da RTP – Rádio e Televisão de Portugal (com o arquitecto António Teixeira Guerra), todos em Lisboa. A capela mortuária, construída por volta de 1954 e infelizmente demolida muito recentemente, seguia a linha estética do hospital, ou seja, o estilo “português suave”: um volume paralelepipedico com cobertura em telhado de duas águas e beirado tradicional, tendo uma proeminente chaminé num dos lados; a fachada principal tinha uma parte recuada e revestida por pedra, onde uma porta dava acesso à casa mortuária iluminada por uma janela na mesma fachada; por detrás situava-se a sala das autópsias (a que se acedia por uma porta na fachada lateral direita), uma arrecadação, instalações sanitárias e um forno para queimar resíduos hospitalares.

Muito perto do hospital, num quarteirão delimitado por quatro ruas (Rua José Pereira da Conceição, Rua Olívio Mil-Homens, Rua Moinho do Arneiro e Rua Júlio César Machado), situa-se um bairro para as classes pobres – Bairro Inocência Cairel Simão –, projectado também por Carlos Oliveira Ramos, mais uma vez por instâncias da benemérita Inocência Cairel Simão. Inaugurado em 1958, o bairro era constituído por quatro conjuntos de pequenas casas em banda muito espartanas, com um piso e telhados corridos de duas águas; as fachadas eram simples, possuindo uma porta ladeada por uma janela a cada lado; interiormente as casas possuíam do lado da rua a sala e um quarto, do lado do quintal a cozinha e outro quarto, e correndo paralelamente à rua ficava um corredor que dividia a casa e em cujos extremos se encontrava a despensa e a casa de banho.

O mesmo arquitecto Carlos Oliveira Ramos projectou também, conjuntamente com o arquitecto Jorge Teixeira Viana (1924-2010), o Mercado Municipal do Bombarral<sup>15</sup>,





IMAGEM 210 – Bairro Inocência Cairel Simão, Bombarral (Foto Neves, década de 1960, cortesia de Luís Pereira Bernardino)

inaugurado em 1958. O ante-projecto de Carlos Oliveira Ramos, apresentado em 1951, previa funcionalmente um recinto de venda com zonas distintas para legumes, frutas, peixe, carne, enchidos, criação e lacticínios, bem como instalações para a fiscalização, instalações do pessoal, instalações sanitárias, armazém, cantina e frigoríficos. A circulação na zona de venda faz-se longitudinalmente no corpo maior, cujas entradas se situam em ambos os extremos do edifício; as áreas de serviços ficam num corpo menor perpendicular ao volume principal, ao qual se adossa na parte nascente. A orientação do corpo principal segundo o eixo norte-sul e a protecção contra a incidência solar, nomeadamente o uso de lâminas horizontais nas janelas do nível superior viradas a poente e o alpendre a todo o comprimento da fachada poente, demonstram preocupações climatéricas e com a orientação solar. A nível exterior, o ante-projecto vem no seguimento das influências da arquitectura do regime, onde a parte central do corpo principal seria mais alta e coberta por um telhado de duas águas, e as duas partes laterais seriam mais baixas e com telhado de uma água; o corpo perpendicular de serviços teria uma só água, sendo a cobertura do corredor em terraço; finalmente, na parte superior de ambos os topos do corpo principal, sobre as entradas, ficariam entradas de luz de grande dimensão, aparentemente recorrendo a tijolos de vidro.

Este ante-projecto não foi todavia aceite e, em 1954, Carlos Oliveira Ramos entregou um novo projecto elaborado em colaboração com Jorge Viana, com o qual havia também desenvolvido o projecto para o Estádio do Restelo. Se a nível planimétrico manteve-se no essencial o que havia sido proposto no ante-projecto, já ao nível do tratamento de fachadas e coberturas verificou-se uma nítida evolução estética. As preocupações climatéricas continuaram presentes: o projecto previa que a fachada norte do mercado fosse cega e com uma protecção para as entradas desse lado, por causa dos ventos dominantes; a fachada nascente teria ao nível superior janelões com lâminas horizontais para protecção solar e para ventilação, e ao nível térreo janelas horizontais estreitas; a fachada sul teria

elementos verticais antecedendo o janelão ao nível superior, para protecção solar; e a fenestração superior da fachada poente seria com vidro despolido, para evitar a incidência solar directa. A nível estético, destaque para o realce dado à estrutura construtiva, ao dinamismo dado pelas várias superfícies de cobertura, e ao contraste entre superfícies e vãos de iluminação, mas também entre cores, materiais e sombreamentos. O corpo central mais elevado passou a ter cobertura com uma única água, a cobertura do alpendre deixou de ser a continuação da parte lateral ao inverter a sua inclinação, e o corpo de serviços passou a ter uma cobertura de duas águas com pouca pendente.

A nova proposta, que foi construída, assumia já uma vontade de mudança relativamente às arquitecturas patrocinadas pelo regime, rompendo com os historicismos embora aceitando as lições da arquitectura popular que eram transpostas para a arquitectura modernista de proveniência internacional, numa atitude de revisão dos conceitos modernistas puramente racionalistas e funcionalistas e sem qualquer ligação ao contexto local onde se inseria. Os jogos de tensão produzidos por uma arquitectura habilmente iluminada, os movimentos de contraste entre palas horizontais e estruturas verticais, a articulação de variados planos, o dinamismo proveniente de elementos curvos, a proeminência visual e austera dos elementos estruturais em betão armado (muitas vezes aparente), tudo isto era temperado por vocabulários da arquitectura vernácula portuguesa, como o uso de telhas cerâmicas, de azulejos, de materiais construtivos locais e de planimetrias e volumetrias adaptadas ao sítio. Para esta evolução terá contribuído certamente Jorge Viana, que havia iniciado a sua actividade profissional como colaborador de Carlos Oliveira Ramos e do seu pai, o arquitecto Carlos Chambers Ramos (1897-1969), e que prosseguiu depois o seu percurso profissional, tendo projectado por exemplo a Igreja da Tabaqueira em Lisboa ou os mercados de Odemira, de Vila Nova de Milfontes e de Castro Verde. Em 1981 foi realizada uma intervenção que infelizmente desvirtuou enormemente o edifício do mercado, ao suprimir o alpendre e englobar esse espaço nas lojas laterais do corpo principal, ampliando-as.

A ligação ao Bombarral por parte de Carlos Oliveira Ramos ter-se-á dado por intermédio do seu pai, Carlos Chambers Ramos, a quem havia sido incumbida em 1945 a elaboração do Plano de Urbanização do Bombarral, juntamente com o engenheiro António Emídio Abrantes (1888-1970)<sup>16</sup>. Carlos Chambers Ramos foi autor de obras como o edifício da Agência Navas em Lisboa, o Tribunal de Évora, o Liceu de Viseu (actual Escola Secundária Alves Martins), a Leprosaria Nacional Rovisco Pais na Tocha, o Pavilhão de Rádio do Instituto Português de Oncologia em Lisboa ou o Sanatório Dr. João de Almeida no Funchal, além de vários planos de urbanização (Praia da Rocha em Portimão, Moledo do Minho, Tomar, Ponte de Sor, Fundão). A figura dos Planos Gerais de Urbanização foi criada em 1934, sob o enérgico impulso do ministro Duarte Pacheco, que desejava que as cidades tivessem

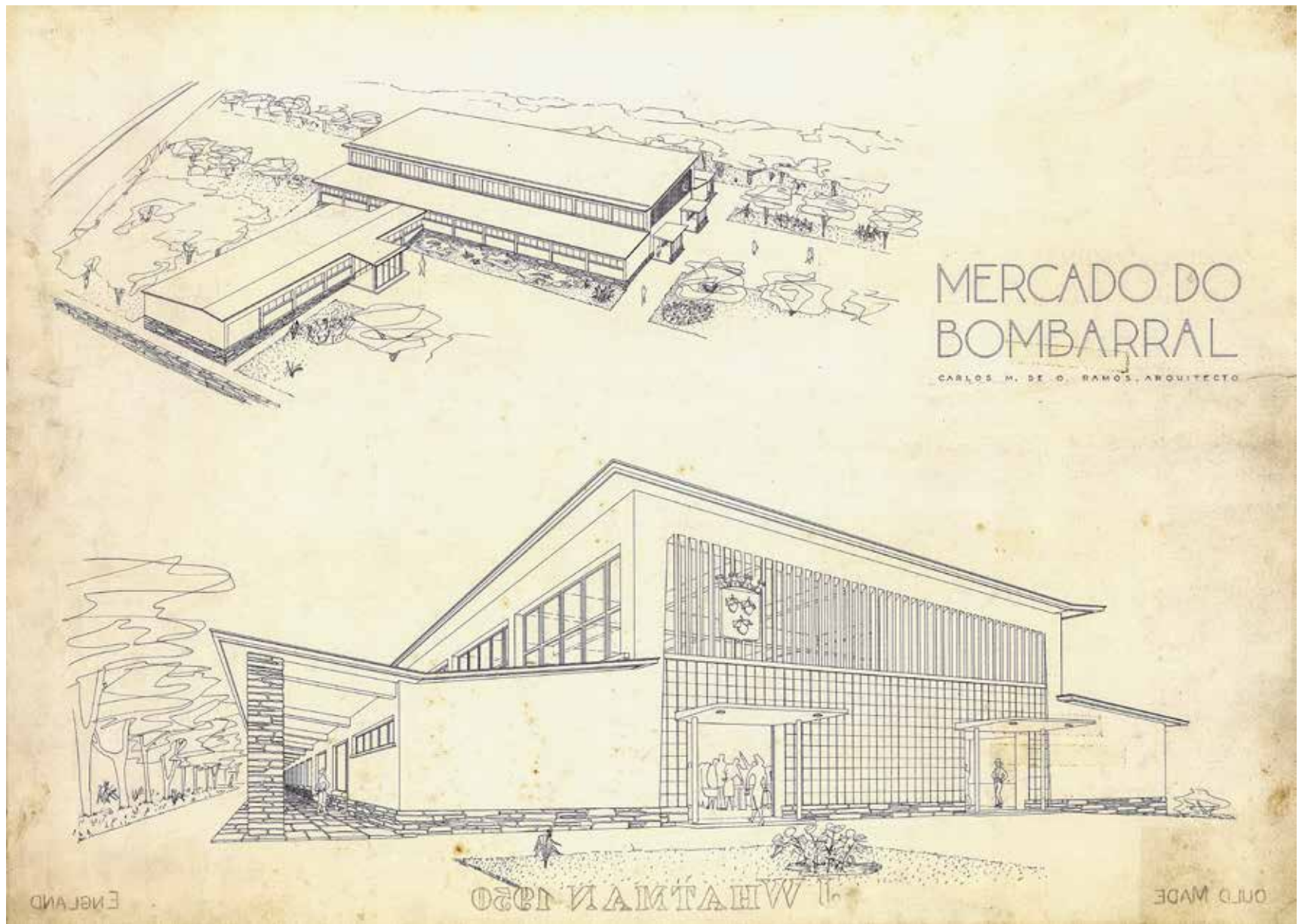


IMAGEM 211 – Axonometria do Mercado Municipal do Bombarral (Carlos Oliveira Ramos, 1954, SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico)

IMAGEM 212 – Mercado Municipal do Bombarral (Carlos Oliveira Ramos, 1958, SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico)



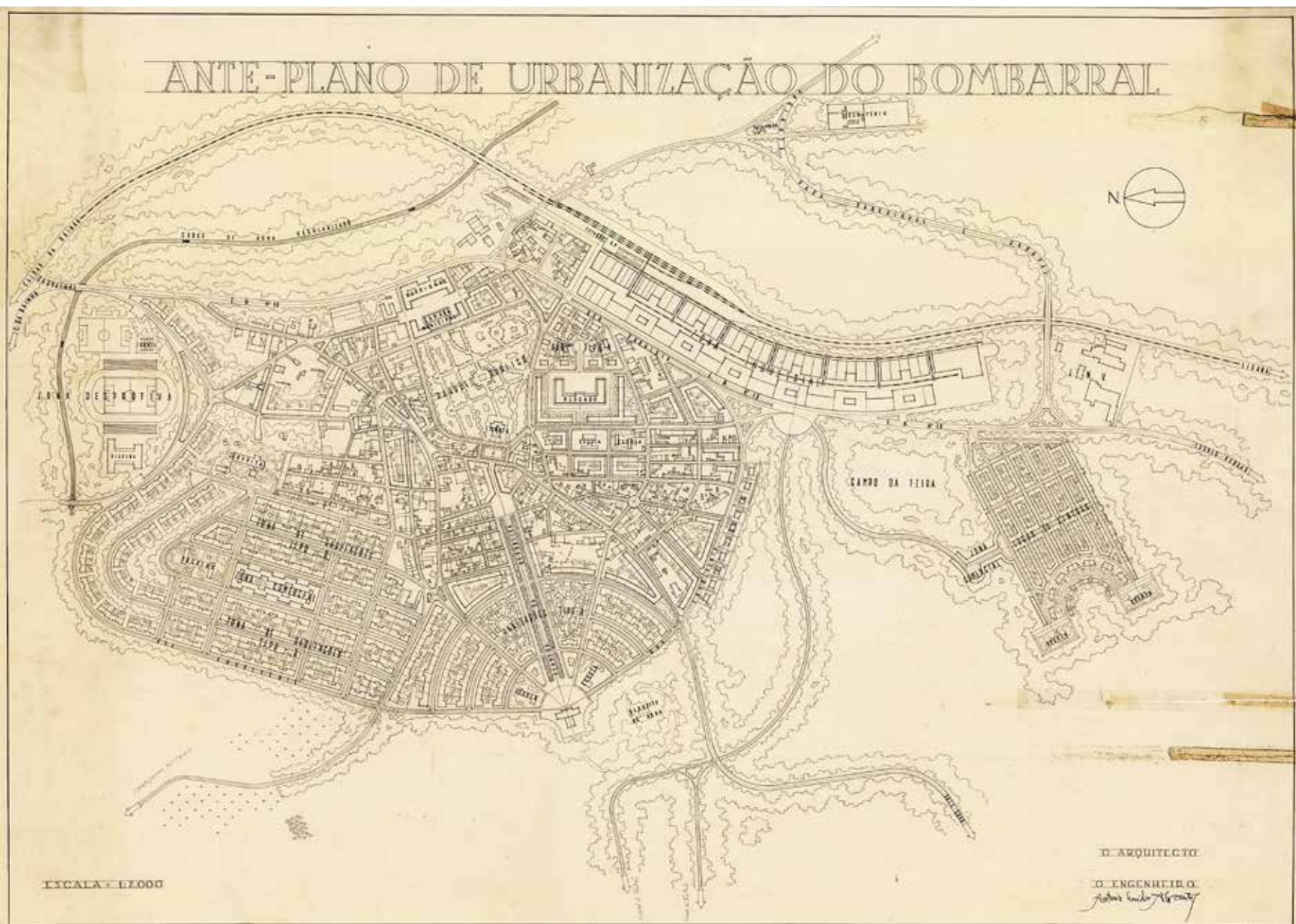


IMAGEM 213 – Ante-Plano de Urbanização do Bombarral (Carlos Chambers Ramos, 1948, SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico)

IMAGEM 214 – Plano de Urbanização do Bombarral (Carlos Oliveira Ramos, 1951, SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico)

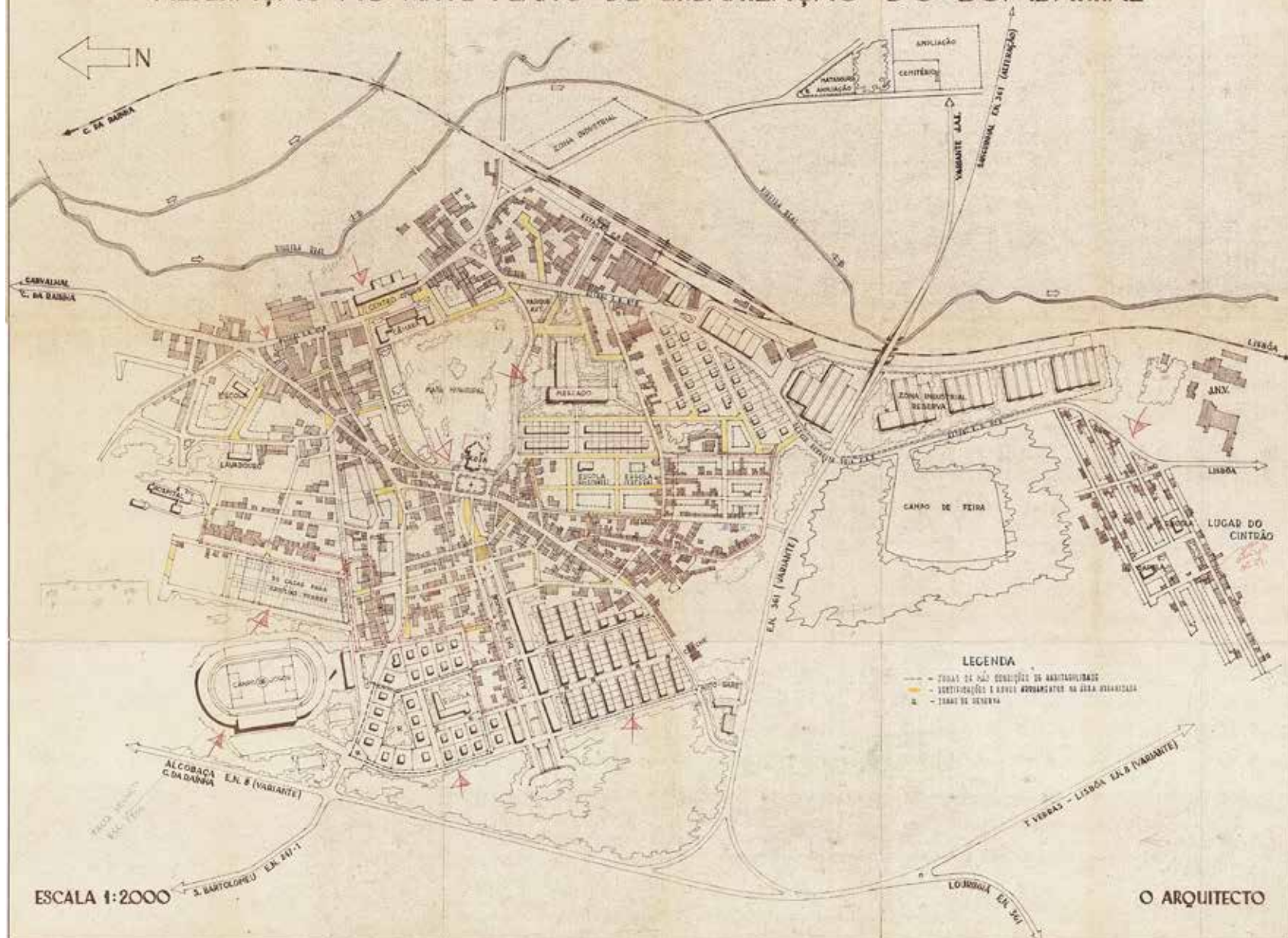
uma imagem ordenada, como convinha ao regime do Estado Novo. Estes planos, obrigatórios para todos os municípios, englobavam os melhoramentos urbanísticos, a construção de infra-estruturas, a definição de áreas de expansão e de zonamento funcional, mas também a salvaguarda de áreas históricas (embora apenas mais tarde).

Em 1948 foi então entregue o primeiro ante-plano por parte de Carlos Chambers Ramos, que previa o zonamento funcional, a libertação do núcleo central da vila de todo o trânsito incómodo por via de um sistema viário periférico, a criação de centros cívicos, comerciais e desportivos, a valorização da Mata Municipal, a regularização da Alameda da República (vulgarmente designada como Rossio), a criação de um novo espaço para as feiras, e a

implantação de novos equipamentos (edifícios escolares, mercado, hospital e paços municipais). A Estrada Nacional nº8 (EN8) deixaria de atravessar a vila, deslocando-se para uma variante situada a nascente; os paços seriam instalados no Palácio dos Henriques, que formaria um pólo cívico complementado pela construção de uma auto-gare frente ao palácio, formando assim uma praça; na área compreendida entre a variante da EN8 e o caminho-de-ferro seria instalada uma zona industrial, que se estenderia até à estação de caminho-de-ferro; entre a estação e o matadouro municipal (a norte do cemitério do Bombarral) ficaria uma zona comercial ligada aos vinhos; perto da aldeia do Cintrão seriam construídas as instalações da Junta Nacional do Vinho<sup>17</sup>, sendo toda a povoação substituída por uma nova urbanização ortogonal; a Mata Municipal seria ampliada e valorizada; seriam definidas duas áreas residenciais, sendo uma para moradias e outra para habitação colectiva (sem no entanto agravar a densidade populacional), tentando manter o carácter rural da



# ALTERAÇÃO AO ANTE-PLANO DE URBANIZAÇÃO DO BOMBARRAL



vila; os novos equipamentos seriam localizados em pontos-chave da vila. Esta primeira proposta englobava todo o aglomerado populacional, com vastas demolições para melhorar o ordenamento urbano e com amplas zonas de expansão. Notavam-se algumas influências provenientes da teoria da cidade-jardim concebida por Ebenezer Howard em finais do século XIX, mormente a organicidade e a criação de espaços verdes.

Face às críticas por parte do executivo municipal, que se insurgiu contra as extensas demolições que estavam previstas e contra os custos associados à expansão da zona urbana por áreas dispersas e consequente infra-estruturação desses espaços, a proposta do ante-plano sofreu uma revisão em 1951, agora sob a direcção de Carlos Oliveira Ramos. Este alterou radicalmente as premissas sugeridas pelo seu pai, ao propor intervenções pontuais nos espaços livres localizados no interior da área urbana do Bombarral ao invés das vastas reconstruções integrais da zona urbana. A variante da EN8 passaria a estar localizada a poente

da vila ao invés de nascente, as zonas de expansão urbana eram muito mais contidas, a zona desportiva seria relocalizada, os alinhamentos viários seriam respeitados, as zonas residenciais para moradias e habitação colectiva seriam em menor número e inseridas em continuidade com a malha urbana preexistente, e os equipamentos colectivos manteriam, no essencial, a sua localização.

Apesar de Carlos Oliveira Ramos ter realizado alguns projectos para o Bombarral, incluindo os arranjos urbanísticos da Praça do Município (onde se situariam os novos Paços do Concelho) e da Praça José Pereira de Carvalho (onde se situaria a nova igreja), a revisão do anteplano nunca terá sido concretizada. Após insistentes pedido por parte da edilidade bombarralense para a conclusão da revisão e face à ausência de respostas, em 1961 esta resolveu prescindir dos serviços de Carlos Oliveira Ramos e, por pressão da Direcção dos Serviços de Melhoramentos Urbanos (que sugeriu os nomes dos arquitectos Lorenzini Borges de Campos, Nuno Teotónio Pereira e Frederico George





IMAGEM 215 – Axonometria mostrando parcialmente o Plano de Urbanização do Bombarral (Carlos Oliveira Ramos, 1951, SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico)

para completarem a revisão do Antepiano de Urbanização do Bombarral), contactou com o arquitecto Francisco Zinho Antunes para proceder à referida revisão.

Por esta época estava em fase de finalização o projecto para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no Vale Côvo, um edifício religioso conceptualmente bastante avançado para a época, não só nesta região oestina, mas mesmo ao nível do panorama nacional<sup>18</sup>. Terão sido os contactos privilegiados que possuía na área do imobiliário Jaime Gomes Duarte, construtor civil natural do Vale Côvo e grande mecenas da fábrica da nova igreja, que possibilitaram a adjudicação do projecto de arquitectura ao arquitecto António Veloso dos Reis Camelo (1899-1985), autor dos projectos para a Caixa Geral de Depósitos de Coimbra, da adaptação de pavilhões da Exposição do Mundo

Português (em Lisboa) para albergarem o Museu de Arte Popular, ou a Pousada de São Martinho em Alfeizerão.

Para explicar o pioneirismo da igreja do Vale Côvo interessa mencionar primeiro a criação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR) em 1953, do qual fizeram parte jovens arquitectos como Nuno Teotónio Pereira, João Correia Rebelo, Henrique Albino ou José Maia Santos, entre outros<sup>19</sup>. A nível da arquitectura, o MRAR seguia na esteira das correntes modernistas que privilegiavam o funcionalismo na arquitectura, mas também o respeito pelos contextos locais e, neste caso, os simbolismos associados aos edifícios religiosos, rejeitando os historicismos arquitectónicos. Pretendia-se uma renovação do espírito religioso católico, que estaria necessariamente reflectido na arquitectura religiosa; e, nesse sentido, o MRAR era crítico dos modelos arquitectónicos cuja fundamentação se fazia basicamente recorrendo à tradição, não tendo em conta a função, os simbolismos associados e a assunção da modernidade.



Este movimento renovador – onde a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, de Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida, é porventura o seu expoente mais conhecido – surgiu no seguimento dos movimentos europeus que pretendiam materializar, na arquitectura, a aproximação da Igreja à sua comunidade de fieis, afastando-se das matrizes impositivas quase autistas – mormente destacando a posição do altar na organização espacial das novas igrejas, de modo a aproximá-lo dos fiéis e envolvê-los assim mais intimamente nas celebrações religiosas, ou construindo as igrejas mais discretas exteriormente, sem pretensões da monumentalidade como símbolo do poder da Igreja que se impunha aos cidadãos.

O MRAR advogava, assim, um funcionalismo litúrgico onde cada função religiosa deveria de ter o seu espaço próprio, com predomínio claro para a celebração da Eucaristia, a celebração católica mais importante. E por isso mesmo o altar adquiria primazia sobre todo o espaço, que era focado neste, seja pela orientação da assembleia de fiéis, seja pela colocação do altar mais perto desta, seja pelo desimpedimento visual do espaço, seja ainda pelo jogo de luzes que enfatizava o foco no altar. Além disso, defendia-se um despojamento decorativo de modo a centrar a atenção dos fiéis sobre o altar e a celebração eucarística, muito embora fosse privilegiada a colocação de algumas obras artísticas de autor em lugares criteriosamente estudados. Aliás, a própria arquitectura assumia o papel aglutinador de toda a componente artística existente, ao incluir-se ela própria no patamar de obra artística: a estética modernista sóbria, baseada no jogo de luz/sombra, de planos diversos, de cheios e vazios, de cores e texturas, contribuía ela própria para incutir nos crentes diversos sentimentos. Esta drástica mudança de atitude perante as igrejas de uma instituição tão conservadora como a Igreja Católica portuguesa e no seio de um regime igualmente conservador motivou a que estas experiências tivessem começado primeiro pelos pequenos edifícios religiosos rurais, mais longe dos centros decisores centralizados.

Isto ajuda a explicar, de algum modo, o porquê de uma pequena aldeia rural do Bombarral ter recebido uma igreja tão precoce no panorama arquitectónico português; não porque a aldeia não fosse conservadora, mas antes porque ficava longe dos centros decisores e, quiçá, porque os principais mentores da obra possuíam talvez um espírito mais aberto. Apesar do projecto inicial datar de 1960, a inauguração da igreja apenas sucedeu em 1967. A igreja apresenta uma nave longitudinal com ábside aberta sobre a nave, no meio da qual se situa o altar-mor (três degraus mais elevado) para que, segundo Reis Camelo, “a comunidade possa participar intimamente nas celebrações religiosas”; paralelamente à nave mas abrindo para esta no lado direito, existe uma outra de dimensões reduzidas (em altura, largura e comprimento), que se constitui como capela para as missas quotidianas; no lado esquerdo, no piso térreo situa-se a sacristia e o cartório, e no piso superior a sala da catequese, instalações sanitárias e um arrumo; à esquerda da capela-mor

encontra-se uma capela lateral, e à direita o coro, ambos ao mesmo nível da nave e servidos por um pequeno corredor que divide a ábside da nave; o baptistério fica à direita da entrada, num espaço simbolicamente rebaixado onde ficava a pia baptismal e o cofre dos Santos Óleos<sup>20</sup>, e à esquerda fica a escada de acesso ao coro alto (sobre a entrada principal), à sala de catequese e ao espaço dos sinos. A entrada principal é abrigada por um pequeno alpendre e faz-se por um pequeno nártex sob a tribuna, a partir do qual se acede frontal e lateralmente para a nave.

Reis Camelo, ao que se sabe, não integrava o MRAR, mas tal não o impediu de receber influências deste movimento. De facto, nota-se uma evolução tremenda desde que havia concebido, numa estética historicista e pseudo-tradicionalista, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Barranco do Velho (Loulé), inaugurada em 1944, e o pioneirismo da igreja do Vale Côvo, projectada cerca de duas décadas depois. A memória descritiva do projecto da igreja vale-covense aponta no sentido das influências do MRAR, e é ela própria um pequeno manifesto do novo espírito reformista, funcionalista e com intuitos simbólicos apelativos às emoções, que se procurava lograr para a arquitectura religiosa, conforme se poderá ver no trecho aqui citado:

«É vulgar, nas igrejas, a existência de uma ou duas torres quasi sempre incorporadas na sua fachada principal, de um ou dos dois lados da entrada, respectivamente, ou escarranchada, em alpendre, sobre ela, no caso de uma só, como acontece na que foi construída, há poucos anos, no Bombarral.

Dada a sua função de chamamento dos fieis aos ofícios religiosos e à oração, ou anunciativa de finados ou de festa, pelo dobrar ou repicar dos sinos, ou, muito simplesmente, de dedo indicador de localização da igreja nos aglomerados urbanos, pois não têm qualquer significado litúrgico, preferem os arquitectos de hoje destaca-las das igrejas, o que nos parece bem mais acertado. Não obstante porém, para o caso especial da igreja de Vale Côvo, resolvemos adoptar uma outra forma de sinalização, mais evidente e inconfundível, se não mais coerente e significativa, sob o aspecto litúrgico, e, ao mesmo tempo, de intervenção do povo que a pretende erguer em memória dos que, com tanta fé, souberam, no passado, defender da profanação o seu pequeno santuário votivo à Nossa Senhora dos Aflitos: uma cruz. - Um pouco destacada dessa fachada frontal essa cruz, ergue-se muito para além da altura da igreja, de modo a vêr-se de longe, como símbolo da fé cristã, da fé que fortaleceu e encorajou a gente dos Casais de Vale Côvo e que ela soube transmitir a seus filhos. E, para que essa cruz possa exercer a sua função indicadora da igreja, mesmo durante a noite, previu-se a sua iluminação a “Neon” de um e outro lado. Os sinos, naturalmente necessários, pelo carácter rural da povoação a que a igreja se destina, ficam situados na parte mais alta do corpo correspondente à fachada principal onde se desenvolve a escada que lhe dá acesso, do lado do Evangelho, sendo os seus sons difundidos pelas aberturas ali praticadas.

Também na fachada principal, mas do lado oposto à cruz, existe uma fonte, tendo por sobre ela uma concha, como símbolo do sacramento do baptismo.





A inclinação que a fachada principal apresenta no seu recorte superior, subindo da fonte para a cruz, significa a ascensão do homem para Deus a partir do primeiro sacramento.»

ANTÓNIO VELOSO DOS REIS CAMELO

Não nos focando nos aspectos directamente relacionados com as obras de arte não-arquitectónicas – tal será abordado no texto de Raquel Henriques da Silva –, ainda assim não podemos deixar de encarar a igreja do Vale Côvo como uma obra de arte total, pensada até ao seu mais ínfimo pormenor, englobando arquitectos, engenheiros e artistas na realização de uma obra artística geral plena de significados e simbolismos. A simplicidade ornamental com algumas obras de arte pontuais localizadas em lugares estratégicos adapta-se perfeitamente à exploração das formas arquitectónicas, dos espaços, da luz e dos materiais como forma de valorização e de reinterpretação dos simbolismos religiosos. De facto, a nível exterior, a fachada principal não se limita a repetir modelos tradicionais fachadísticos, procurando justificar nos simbolismos católicos a sua própria concepção formal.

Ao nível interior, a grande nave ampla, local de celebração da comunidade de fiéis, possui um eixo cujo foco direccional aponta para o altar, mercê das entradas de luz laterais que inundam a cabeceira da igreja numa expressiva (e ao mesmo tempo dramática) luminosidade etérea que destaca o altar localizado a meio e o próprio painel de mosaicos por trás deste, onde o conjunto parece contribuir para

eleva o olhar da assembleia desde o altar em baixo para Cristo no cimo da composição de mosaicos, por entre um caminho de luz espiritual, como se de uma analogia simbólica se tratasse: a Eucaristia eleva os fiéis para junto de Cristo. Pelo contrário, a fachada principal da igreja permite uma entrada de luz muito controlada e difusa através de uma rede de pequenos vitrais na zona do coro alto, impedindo a força da luz poente de penetrar na igreja; um sistema que controle da iluminação que possui afinidades distantes com o uso dos cobogós na arquitectura modernista brasileira.

Apesar da aproximação do altar para junto da assembleia de fiéis, este não deixa ainda assim de estar ligeiramente mais elevado, marcando desta forma o necessário afastamento do domínio divino para o mundo temporal. E se a grande altura da nave principal contribui de alguma forma para incutir sentimentos de pequenez da grande comunidade humana face à imensidão do celestial, o oposto surge também na pequena nave lateral, utilizada para as celebrações com menos crentes: a menor altura e dimensão da nave torna-a precisamente mais acolhedora e intimista para a pequena comunidade, ao reduzir-se à escala humana sem que, contudo, se perca o contacto com o espaço da grande assembleia e do altar principal. Mesmo o baptistério localizado num espaço próprio subdividido encerra toda uma simbólica que conduz à reflexão sobre o próprio ritual do Baptismo. A igreja do Vale Côvo apresenta-se, de facto, muito inovadora face à igreja do Bombaral, que havia sido inaugurada apenas pouco mais de uma década antes.



De referir outro equipamento que passa completamente despercebido no Bombarral mas que apresenta algum interesse arquitectónico: trata-se do antigo edifício de telecomunicações dos CTT – Correios, Telégrafos e Telefones (e, depois, da Telecom Portugal), construído em 1973 (inaugurado em 1975) e localizado na esquina do Largo dos Aviadores com a Rua Comendador António da Costa. A concepção funcional e estética do edifício, cuja autoria se desconhece, aponta no mesmo sentido seguido pelo projecto de Carlos Oliveira Ramos e Jorge Viana para o Mercado Municipal do Bombarral, isto é, a fusão das correntes modernistas com as especificidades locais, que se reflectiam numa arquitectura cujos programas funcionais se revelavam na própria volumetria do edifício, numa estética desornamentada, baseada no jogo de materiais construtivos (pedra local e reboco), na revelação dos elementos estruturais (nomeadamente as vigas), nas cores e na dicotomia luz/sombra (bastante explorada neste conjunto).

A implantação em L, a volumetria adoptada e a fenestração ritmada mas diferente nos vários planos de fachada permitem ler as diferentes funções existentes no edifício: o piso térreo, com uma linha de janelas estreitas na parte superior das paredes e revestimento exterior de pedra, denuncia um uso destinado a central telefónica, garagem e armazém; o volume que faz a articulação das alas e se eleva ao piso superior, mantendo o revestimento pétreo no mesmo plano do piso térreo, destinava-se à entrada principal e escada de acesso ao piso superior; o piso superior



IMAGEM 216 – Igreja do Vale Covo em construção (Foto Neves, 1967, Museu Municipal do Bombarral)

IMAGEM 217 – Interior da igreja de Vale Covo (JRS, 2017)

IMAGEM 218 – Baptistério da igreja de Vale Covo (JRS, 2017)



dividia-se em dois volumes que se independentizavam do piso térreo mediante a linha de janelas antes falada, pelo uso do acabamento com reboco pintado, e pela própria volumetria, com uma parte em balanço sobre a rua, assente em poderosas vigas de betão armado; a ala mais elevada, com janelas ritmadas ligeiramente verticais sobrepostas por outras horizontais mais estreitas, indiciam a existência de escritórios; já o piso superior da ala mais baixa, com janelas igualmente ritmadas (mas maiores) e uma varanda, revelam a existência de uma habitação de funcionários, com entrada própria ao nível térreo.

Importa mencionar, a título de curiosidade, dois projectos elaborados pelo arquitecto Raul Coelho – que foi autor da remodelação da fachada do Cine-Teatro do Bombarral em 1969 – que, no entanto, nunca foram concretizados: o Museu Etnográfico e Arqueológico do Bombarral e o Albergue Anrique da Mota. Em 1959 Raul Coelho apresentou o ante-projecto do museu<sup>21</sup>, que ficaria situado no Largo dos Restauradores (actual Largo Comendador José Ferreira dos Santos), onde hoje se encontra o Hotel Comendador<sup>22</sup>. Como alternativa ao tradicional museu, objecto de crítica mordaz por parte do arquitecto (instalados em edifícios históricos sem condições museológicas ou em edifícios novos como depósitos de arte, albergando exposições estáticas), este propõe um edifício de dois pisos com duas salas de exposição principais de enormes dimensões, cuja configuração interior iria mudando mediante a utilização de painéis amovíveis. O museu, que teria exposições temáticas sobre etnografia, arqueologia, Guerra Peninsular – Batalha da Roliça, e numismática (além das exposições temporárias e itinerantes), possuiria ainda duas pequenas salas de exposição, serviços administrativos, biblioteca, arquivo, atelier de restauro, serviços técnicos e um pátio com jardim; as

preocupações com a iluminação natural e artificial eram também patentes.

O projecto apresentava linhas claramente modernas, com uma fachada principal em “dente de serra”, permitindo a iluminação natural controlada para as salas de exposição, e que englobava exteriormente elementos artísticos, como a parede com elementos modulares e o painel de mosaicos cerâmicos. Este museu, nunca construído, havia sido proposto por um grupo de bombarralenses ligados à cultura local, de onde sobressaía o artista bombarralense Jorge de Almeida Monteiro (1908-1983), do qual Raul Coelho era grande amigo. Também a sua colaboração no projecto é indicativa pela referência à instalação do painel cerâmico realizado na Fábrica de Cerâmica Bombarralense, da qual havia sido fundador – sobre este artista nos falarão mais à frente, nos seus textos, Raquel Henriques da Silva, João B. Serra e José Meco.

Os painéis cerâmicos estão, de resto, presentes numa outra proposta (também nunca realizada) de Raul Coelho: o Albergue Anrique da Mota, no Bombarral<sup>23</sup>. A carência que se fazia sentir no Bombarral relativamente à existência de unidades hoteleiras qualificadas motivou o convite feito pelo município ao arquitecto, que além do albergue propriamente dito deveria de incluir igualmente um Centro de Provas de Vinhos e uma Adega Típica Quinhentista. O requerimento vinha em consonância com as directrizes do regime do Estado Novo e, mais concretamente, com as políticas anteriormente referidas de explorar turisticamente o mundo rural português e valorizar o que se considerava ser a “cultura popular tradicional portuguesa”.

O local inicialmente previsto na proposta de 1961 situava-se Rua D. Afonso Henriques, entre o Palácio Gorgão e o edifício do Grémio da Lavoura (antiga estação rodoviária dos Capristanos) mas recuado em relação à rua, formando um largo. Ao contrário do projecto do museu, Raul Coelho propôs um edifício de dois andares ao estilo “português suave”, misturando uma arquitectura neutra com alguns elementos tradicionalistas. O albergue (quartos, serviços, restaurante e sala de estar) seguia modelos claramente inspirados nas Pousadas de Portugal, criadas em 1939 por iniciativa de António Ferro e de Duarte Pacheco e que inicialmente construiu de raiz instalações hoteleiras com linguagens arquitectónicas pseudo-traditionalistas e localizadas em espaços rurais emblemáticos ou em vilas e aldeias históricas, procurando dar a conhecer aos turistas portugueses (e não só) o Portugal pitoresco e tradicional. É precisamente nesse sentido que se associava ao albergue o centro de provas de vinhos, com um “mostruário vivo dos diversos tipos e qualidades de vinhos de todo o Mundo Português”, e a adega tipicamente quinhentista, com serviço de pratos tradicionais da região.

As grandes campanhas de restauro realizadas pela DGEMN nas décadas de 1930 e 1940 deixaram um vasto conjunto de monumentos nacionais restaurados e, ao mesmo tempo, vazios de funções, o que tornava



IMAGEM 219 – Antigo edifício de telecomunicações dos CTT (JRS, 2017)



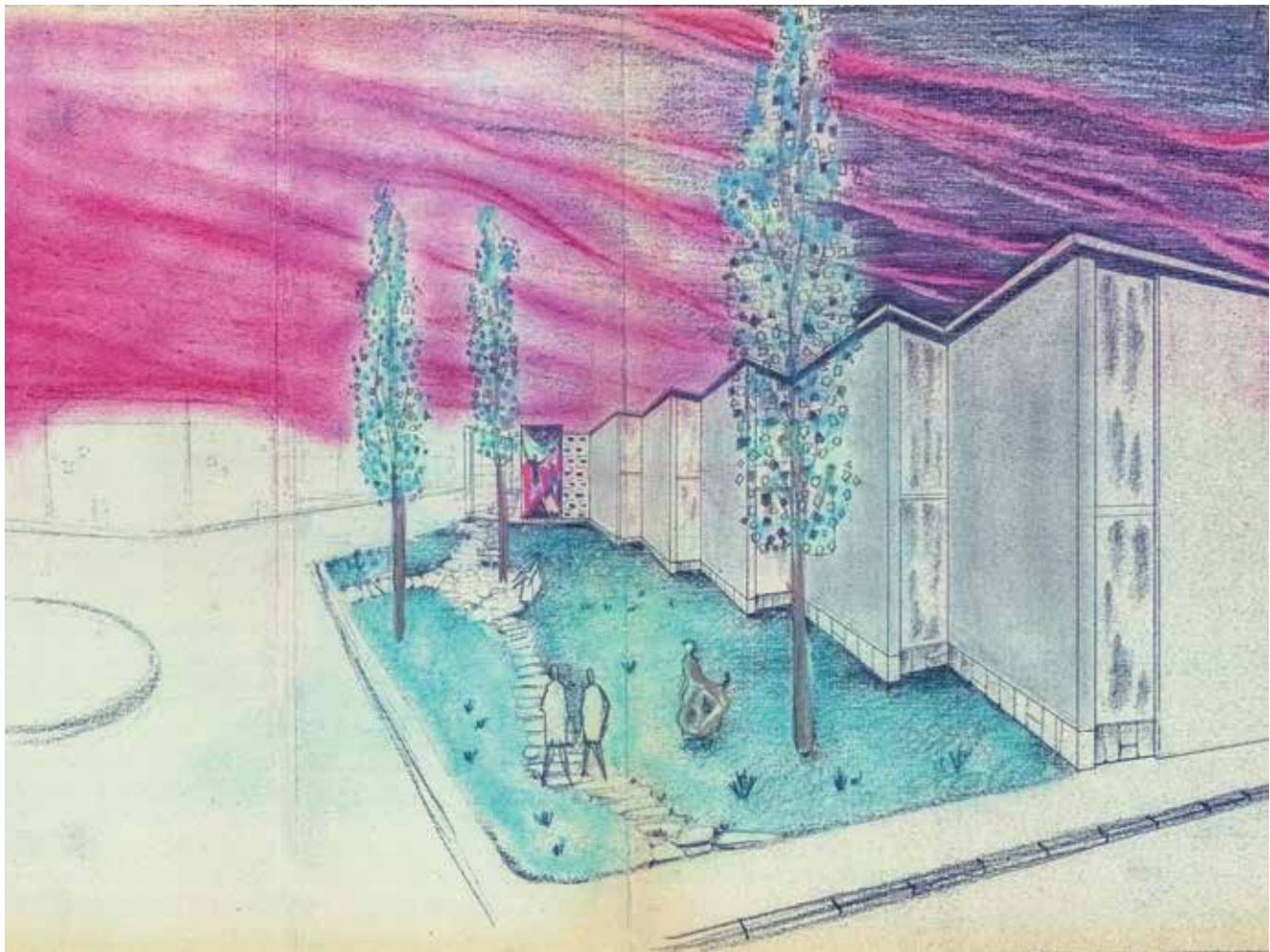
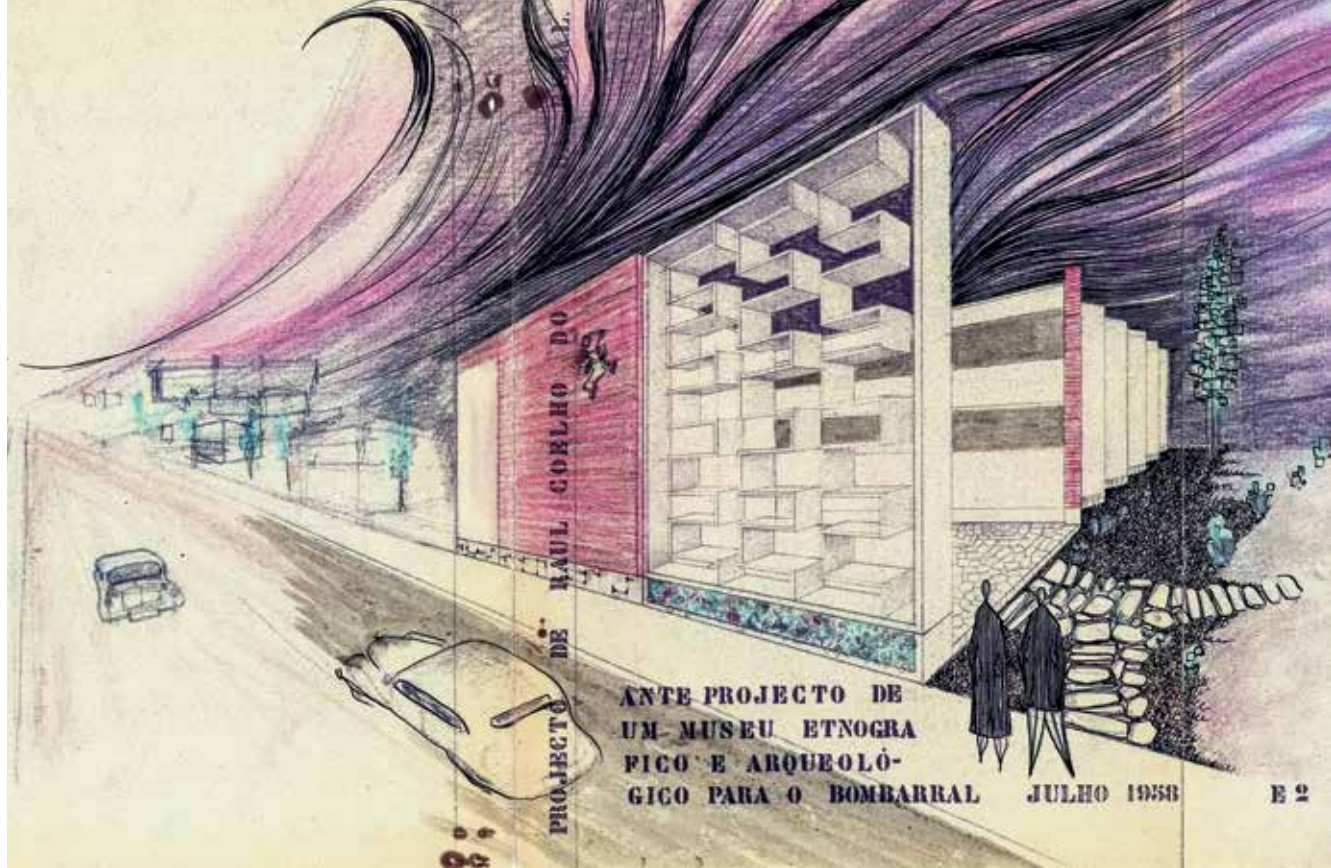


IMAGEM 220 – Esquízo da fachada do Museu Etnográfico e Arqueológico do Bombarral (Raul Coelho, 1959, colecção particular)

IMAGEM 221 – Esquízo da fachada do Museu Etnográfico e Arqueológico do Bombarral (Raul Coelho, 1959, colecção particular)



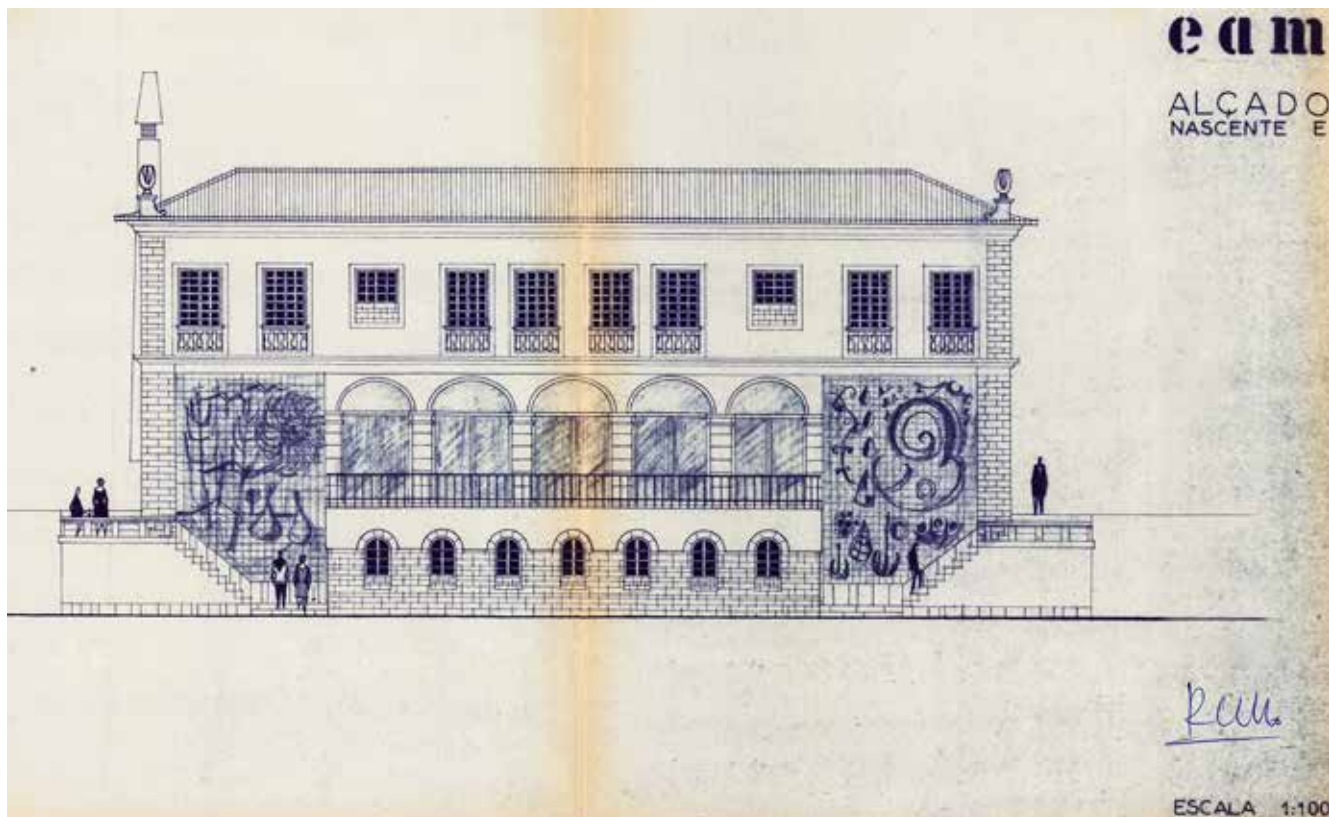


IMAGEM 222 – Projecto do Albergue Anrique da Mota, a instalar no Palácio Gorjão (Raul Coelho, 1964, Arquivo Municipal do Bombarral)

problemática a sua onerosa manutenção, sem a qual rapidamente voltariam à condição degradada. Uma das soluções apresentadas (e que rapidamente ganhou adeptos) foi converter esses monumentos para funções hoteleiras. Foi nesse sentido que se inaugurou em 1950 a primeira Pousada de Portugal instalada num monumento histórico: a Pousada do Castelo, localizada na alcaidaria do Castelo de Óbidos, concelho vizinho ao Bombarral.

E talvez tenha sido também por isso que, em 1964, a segunda versão da proposta para o Albergue Anrique da Mota, embora mantendo o mesmo programa, previsse já a instalação da unidade hoteleira no próprio Palácio Gorjão. A ser concretizado, o projecto de Raul Coelho iria alterar enormemente o palácio, ao dividir os salões do piso superior em quartos, ao interromper, com uma casa-de-banho, a circulação existente pelo corredor superior da arcada do pátio, e ao fechar o U com uma edificação nova de estética historicista, transformando o pátio aberto num claustro fechado. Uma vez mais, algumas das fachadas incluiriam painéis cerâmicos artísticos, possivelmente também da Fábrica de Cerâmica Bombarralense.

## A restauração do regime democrático e a liberalização da educação e cultura

Apesar de não terem sido construídos os dois projectos de Raul Coelho, encontramos curiosamente um fio condutor neste: o Museu Municipal do Bombarral foi criado mais tarde, em 1990, e instalado precisamente no Palácio Gorjão; e pouco antes da instalação do museu foi construída, a nascente deste (onde antes estavam algumas instalações escolares), a Biblioteca Municipal do Bombarral, um edifício projectado com uma extrema sensibilidade que veio valorizar e enquadrar o próprio palácio histórico. O projecto foi desenvolvido pelo Gabinete de Apoio Técnico (GAT) de Caldas da Rainha, sob a orientação do arquitecto Manuel Remédios, tendo a biblioteca sido inaugurada em 1984. A opção por inserir um edifício semi-enterrado a meio da encosta veio criar um espaço ajardinado plano frente ao pátio aberto do Palácio Gorjão, permitindo estendê-lo mais além, mas evitando também interferir com este, ao semi-esconder as novas estruturas. O conjunto cultural é composto, no edifício semi-enterrado, pela sala de leitura da biblioteca, pelo auditório e por serviços; a longa fachada envidraçada, dividida em três planos, vira-se para um espaço ajardinado íntimo, no qual se insere um anfiteatro ao ar livre e um lago artificial rodeado por frondosas árvores.



IMAGEM 223 – Anfiteatro e fachada da Biblioteca Municipal do Bombarral (JRS, 2017)

O GAT de Caldas da Rainha havia sido responsável, escassos anos antes, pelo projecto da nova sede do Sport Clube Escolar Bombarralense (SCEB), desenvolvido sob coordenação do arquitecto Fernando de Sousa Lopes e inaugurado em 1983. O novo edifício, situado na Rua Veríssimo Duarte, deveria prever a realização de eventos desportivos, mas também culturais e recreativos, possuindo: no piso térreo um pavilhão polivalente (com palco num dos extremos), ginásio, sala de troféus, instalações sanitárias, bilheteira e bengaleiro; no piso superior fica a sala de estar com bar e cozinha, sala de jogos, gabinetes administrativo, biblioteca, bar com cozinha, e no piso inferior semi-enterrado teria uma sala de ballet, camarins, arrecadações e balneários.

Facilmente se encontram neste edifício influências que se poderiam filiar em correntes arquitectónicas do estilo internacional, nomeadamente no funcionalismo (a forma segue a função, algo que na sede do SCEB é visível através dos volumes indiciando a função para a qual foram construídos) ou no brutalismo (que advoga a verdade estrutural das edificações, isto é, os elementos estruturais não devem ser escondidos, e nesse sentido o betão armado da sede do SCEB encontra-se à vista e a estrutura que sustenta as enormes superfícies envidraçadas é assumida como tal). O edifício é enriquecido pelo jogo de volumes, mas também pelas sombras que os mesmos produzem, originando contrastes de luz e sombra que vão variando ao longo do dia.

Finalmente, a menção para dois edifícios escolares construídos também nesta época e que marcaram a definição urbana do Bombarral.

Carlos Chambers Ramos, na memória descritiva do ante-plano de urbanização do Bombarral, citou Abel Pereira da Fonseca, Presidente da Câmara Municipal do Bombarral nessa altura, referindo a então existência de um colégio particular para leccionar o ensino secundário; e a planta de 1951, elaborada pelo seu filho Carlos Oliveira Ramos, mostra já a implantação do edifício onde mais tarde funcionou o Externato Académico do Bombarral, fundado em 1956, na Rua 9 de Abril. Existiu um colégio privado no Sanguinhal, chamado Colégio D. Nuno Álvares Pereira, o qual poderá ter-se mudado para o Bombarral talvez na década de 1930, para um edifício actualmente ainda existente (mas abandonado) na Rua 9 de Abril; mais tarde, em finais da década de 1940, um novo edifício escolar foi construído no terreno por trás do primitivo edifício, sendo o colégio transferido para aí (existia uma enorme pintura do Condestável no átrio de entrada).

O edifício, de dois andares, estava dividido em três tramos, ficando o tramo central mais avançado; era neste que se situava a entrada, a administração e as duas escadas, uma para a área masculina, a funcionar nas salas de aula de uma das alas laterais, e outra para a área feminina na outra ala; mais tarde foi acrescentado um ginásio no seguimento





# SPORT CLUBE ESCOLAR BOMBARRALENSE

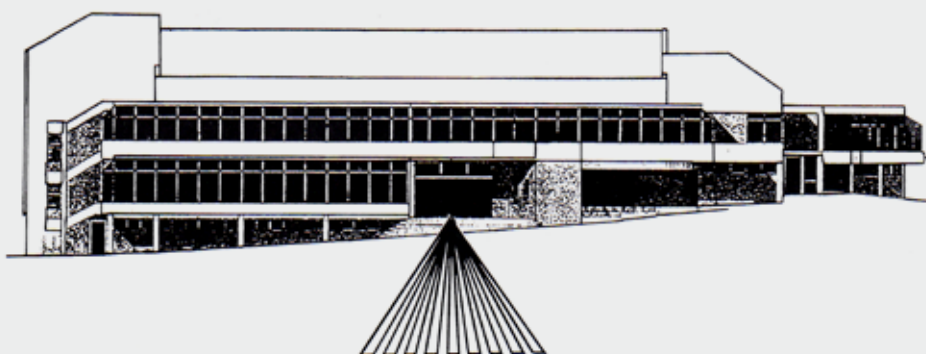


IMAGEM 224 – Sede do Sport Clube Escolar Bombarralense na inauguração (Luís de Matos, 1983, cortesia de Luís de Matos)

IMAGEM 225 – Panfleto com o alçado da sede do SCEB (autor desconhecido, meados da década de 1980, cortesia de Luís de Matos)



IMAGEM 226 – Edifício primitivo do antigo Colégio D. Nuno Álvares Pereira (JRS, 2017)

IMAGEM 227 – Externato Académico do Bombarral (Foto Neves, década de 1970, cortesia de Luís Pereira Bernardino)





IMAGEM 228 – Parte do edifício que correspondia à antiga Escola Secundária do Bombarral (JRS, 2017)

de uma das alas. Talvez este colégio tenha sido depois vendido ao Patriarcado de Lisboa, que em 1956 fundou o Externato Académico do Bombarral (funcionou durante os primeiros anos no Palácio Gorjão e em finais da década de 1950 passou para o edifício do colégio privado). Este externato funcionou até à inauguração da Escola Secundária do Bombarral, uma escola de ensino público; sem uso, o edifício do externato foi-se degradando, e finalmente em 2008 foi por fim demolido.

Portugal havia chegado à década de 1970 com um dos mais baixos índices de escolarização da Europa; no seguimento da instauração do regime democrático, este assumiu que a educação deveria de ser um dos pilares das reformas efectuadas, e estabeleceu um programa de expansão da rede escolar de ensino secundário. A opção tomada foi desenvolver as soluções de escolas com tipologia pavilhonar, que vinham sendo desenvolvidas desde 1968 pelo arquitecto Augusto Brandão e pela arquitecta Maria do Carmo Matos no seio da Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário (JCETS) do Ministério das Obras Públicas<sup>24</sup>. A optimização de meios económicos, a racionalização da funcionalidade dos espaços e a necessidade de rápida execução das obras motivaram uma sistematização de soluções arquitectónicas normalizadas, apoiada na opção pelo recurso a sistemas pré-fabricados modulares. Esta solução permitia que a concepção das novas escolas fosse simplificada: os edifícios educativos eram concebidos como um conjunto de módulos (pavilhões) encostados ou ligados entre si por passadiços, baseados na repetição de unidades modulares versáteis que permitiam uma fácil adaptação aos programas, topografia e clima. A localização destas novas escolas secundárias, construídas nas décadas de 1970 e 1980, era

periférica em relação aos núcleos urbanos, o que possibilitava a diminuição dos custos de aquisição dos terrenos e, ao mesmo tempo, definia áreas de expansão urbana.

Tal sucedeu com a Escola Secundária do Bombarral (inaugurada em 1978), localizada na Avenida Dr. Joaquim de Albuquerque – que foi construída para o efeito –, criando assim um novo pólo de expansão da vila para poente. Projectada pela equipa coordenada pelo arquitecto Fernando Rafael Miranda, a escola baseou-se em cinco módulos alinhados linearmente mas descentrados entre si, o que veio trazer uma dinâmica ao conjunto e criou um conjunto de pátios abertos semi-cobertos; estava também prevista a possibilidade de expansão futura da escola, mediante o acrescento de mais três módulos (um deles seria o ginásio coberto). Cada módulo estava adstrito a funções próprias: o módulo central (dois pisos) era essencialmente para átrio de entrada e para serviços administrativos e salas de docentes; ladeando este módulo estavam dois módulos (dois pisos) para as salas de aulas; quanto aos módulos dos extremos (um piso), num situava-se a cantina, cozinha, bar, papelaria, sala de recreio e instalações sanitárias, e no outro ficavam salas de trabalhos manuais, balneários e instalações sanitárias. À imagem de outras escolas similares espalhadas pelo país (Cadaval, Azambuja, Caldas da Rainha, Seixal, Coimbra, etc.), a ornamentação estava ausente na estética geral do edifício, a qual se baseava apenas na repetição modular uniforme e no jogo de planos entre paredes cegas feitas de módulos com relevos e paredes possuindo fenestração.

Na década de 1980 manteve-se o ímpeto construtivo de edifícios escolares, mercê de planos especiais de construção que previam um regime especial de empreitadas de âmbito educativo. Em 1984 foi inaugurada a Escola



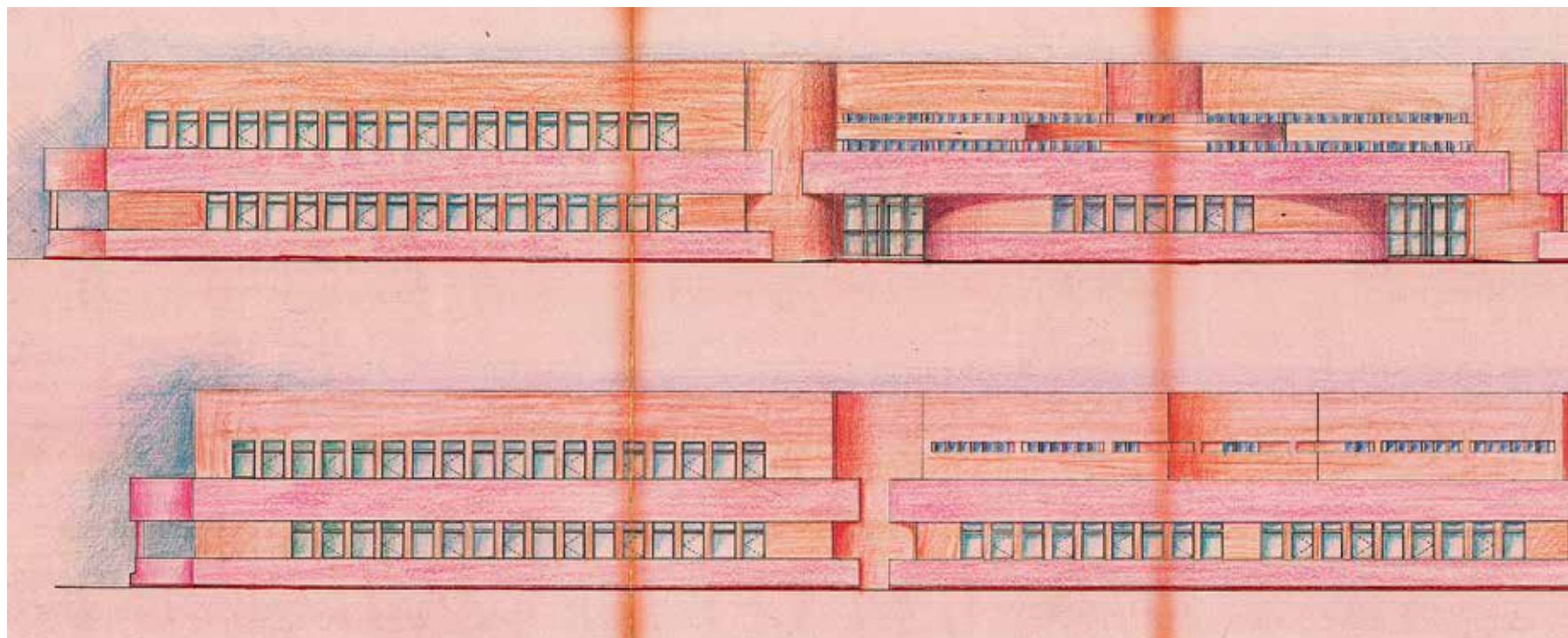
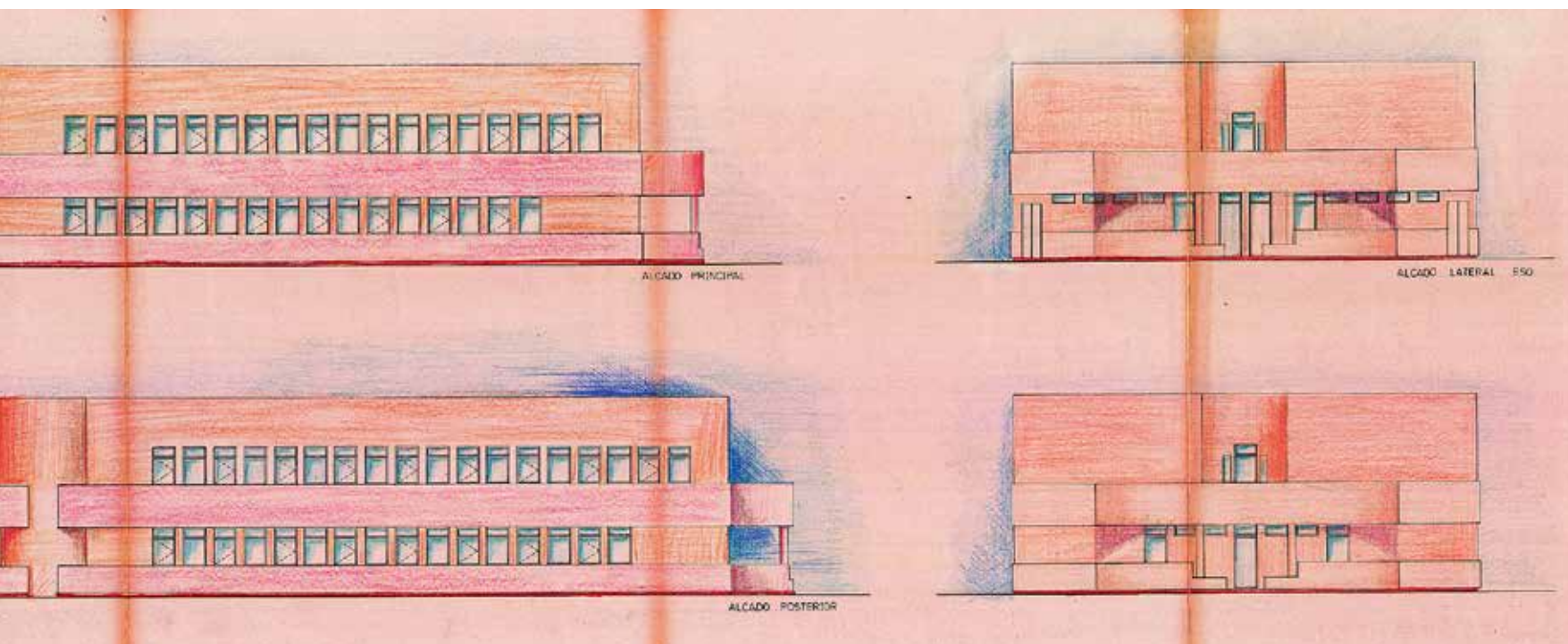


IMAGEM 229 – Projecto da Escola Preparatória  
Fernão do Pó, Bombarral (João Paciência  
e Carlos Travassos, 1983, Arquivo Municipal  
do Bombarral)

IMAGEM 230 – Edifício que correspondia à antiga  
Escola Fernão do Pó, Bombarral (JRS, 2017)



Preparatória Fernão do Pó, situada na Rua Fernão do Pó, no terreno a poente da Escola Secundária do Bombarral. Desenvolvido pelo arquitecto João Paciência e pelo arquitecto Carlos Travassos, o projecto consistia num edifício linear onde a simetria era o tom dominante, dividido em três tramos aos quais correspondiam programas funcionais distintos, e com um sistema de circulação bastante racional, apoiado num corredor central em ambos os pisos que unia os três tramos. João Paciência foi autor de projectos como o Atrium Saldanha em Lisboa, a Escola Superior Agrária de Beja, o Centro de Congressos do Estoril e os Paços do Concelho da Guarda; em colaboração com Carlos Travassos, projectaram a Exponor – Centro de Exposições do Porto e o edifício da Caixa Geral de Depósitos da Golegã, entre outros.

As entradas no edifício escolar faziam-se junto às duas articulações entre os três tramos; estas articulações eram claramente marcadas exteriormente por dois volumes semi-cilíndricos, que interiormente correspondiam aos dois acessos verticais e a duas pequenas áreas de estar; o tramo central, com fachada ligeiramente curvilínea, albergava no piso térreo os espaços administrativos e de docentes, e no piso superior apenas um corredor que ligava os dois tramos dos extremos; o tramo norte possuía no piso térreo salas para estudos de ciências, balneários e instalações sanitárias; o tramo sul possuía no piso térreo salas de trabalhos manuais, papelaria e bar; ambos os tramos extremos possuíam no piso superior salas de aula. O uso de volumetrias distintas, o jogo de luzes e sombras, o uso criterioso de cores, os ritmos

criado pela fenestração e a combinação de planos direitos com planos curvos trouxeram uma dinâmica às fachadas que as tornam por isso atractivas e ao mesmo tempo equilibradas. De referir que, recentemente, foram realizadas obras de modernização e ampliação pela Parque Escolar, tendo João Paciência e Carlos Travassos elaborado o projecto que, entre as suas valências, uniu ambos os edifícios com uma nova estrutura edificada.

## Notas finais

Não sendo um município rico em peças arquitectónicas contemporâneas de grande valor – com algumas raras excepções –, os exemplos eleitos para o estudo não deixam de ter o seu valor próprio e, ao mesmo tempo, permitem ainda assim compreender na sua maioria a própria evolução da arquitectura contemporânea em Portugal. A opção por não incluir edifícios do período pós-comunitário (após a entrada na Comunidade Económica Europeia, hoje União Europeia) resultou simplesmente de se ter considerado que, mau-grado o número expressivo de novos equipamentos colectivos cujos fundos comunitários permitiram ajudar a erigir no concelho do Bombarral, os mesmos não possuem qualidade arquitectónica suficiente para figurar no livro, sendo mesmo, em muitos casos, muito pobre.



Notas

- 1 Sobre os caminhos de ferro em Portugal, ver entre outros: GUERREIRO: 2016; ALVES: 2015.
- 2 Sobre teatros em ferradura em Portugal, ver entre outros: CARNEIRO: 2003.
- 3 MOURA: 1994, n.º 1.
- 4 PATULEIA: 2009, p. 60.
- 5 Talvez porque Francisco Vergikosc tenha atribuído a este personagem a autoria do futuro quartel dos bombeiros voluntários; o primeiro quartel provisório dos bombeiros foi precisamente no Teatro Eduardo Brazão. Porém, como mais adiante se verá, outro nome surge como autor do projecto do antigo quartel dos bombeiros do Bombarral.
- 6 Sobre as escolas do ensino primário em Portugal, ver entre outros: FÉTEIRA: 2013; POUCA: 2013; CARVALHO: 2012; PIMENTA: 2006. Sobre as escolas primárias no concelho do Bombarral, ver processo “Escolas primárias”, secção de obras públicas do Arquivo Municipal do Bombarral.
- 7 Sobre o desenvolvimento da arquitectura modernista em Portugal e o seu confronto com as correntes historicistas, ver entre outros: FRANÇA: 2009; TOSTÕES: 2007; FERNANDES: 2003; LACERDA, SOROMENHO, TOSTÕES: 2003; ALMEIDA: 2002; GONÇALVES: 2002; BECKER, TOSTÕES, WANG: 1998; DIAS, BARBAS, COLAÇO: 1994; FERNANDES: 1993.
- 8 Sobre o desenvolvimento das empresas rodoviárias no Bombarral, ver: FOLGADO, CUSTÓDIO: 2015. Ver ainda o processo “Capristano & Ferreira Lda.”, secção de obras privadas do Arquivo Municipal do Bombarral.
- 9 Ver processo “Cine-Teatro do Bombarral”, secção de obras privadas do Arquivo Municipal do Bombarral.
- 10 Sobre a igreja do Bombarral, ver: SANTOS: 2003; SANTOS: 2000.
- 11 Sobre a instalação dos Paços do Concelho no Palácio Camilo, ver: SANTOS: 2006. Ver ainda processo “Paços Municipais do Bombarral”, secção de obras públicas do Arquivo Municipal do Bombarral
- 12 Ver processo “Hospital Casimiro da Silva Marques”, secção de obras públicas do Arquivo Municipal do Bombarral.
- 13 Foi encontrada uma cópia do projecto de António da Silva Júnior no espólio de Luís Benavente, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- 14 Existe no entanto um brasão do Bombarral na fachada do edifício, sobre o qual Dóris Santos se interroga se poderia ser obra de Vasco Pereira da Conceição, uma vez que, pouco tempo antes, este artista executou o brasão do frontão dos Paços do Concelho.
- 15 Ver processo “Mercado Municipal do Bombarral”, secção de obras privadas do Arquivo Municipal do Bombarral; ver também processo “Mercado Municipal do Bombarral”, espólio Carlos Ramos, Biblioteca do SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico.
- 16 Sobre os planos urbanísticos em Portugal e o papel de Carlos Chamber Ramos e Carlos Oliveira Ramos, ver: SILVA: 2015; COUTINHO: 2001; LÔBO: 1995. Sobre o plano de urbanização do Bombarral, ver também Ver processo “Plano de Urbanização do Bombarral”, secção de obras públicas do Arquivo Municipal do Bombarral; ver também processo “Plano de urbanização do Bombarral”, espólio Carlos Ramos, Biblioteca do SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico.
- 17 O projecto da Junta Nacional do Vinho, da autoria do engenheiro J. Cardoso de Lemos, foi aprovado pelo executivo camarário em 1950 e começado a construir pouco depois, já que em 1951 estaria construída ou prestes a ser concluída. Sobre a Junta Nacional do Vinho nos falará Dóris Santos mais à frente.
- 18 Ver processo “Igreja do Vale Côvo”, secção de obras públicas do Arquivo Municipal do Bombarral.
- 19 Sobre o MRAR e a sua influência na arquitectura católica portuguesa, ver entre outros: CUNHA: 2015; FERNANDES: 2014.
- 20 A pia baptismal foi mais tarde deslocada para a cabeceira da igreja, estando hoje à direita do altar; no baptistério foi colocada uma cabine de confessorário.
- 21 O projecto baseou-se numa primeira versão apresentada em 1958 como trabalho de final de curso, do curso de Arquitectura da ESBAL – Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (documentos de Jorge de Almeida Monteiro, col. particular).
- 22 Documentos de Jorge de Almeida Monteiro, col. particular.
- 23 Ver processo “Albergue Anrique da Mota”, secção de obras públicas do Arquivo Municipal do Bombarral.
- 24 Sobre as escolas de tipologia pavilhonar, ver entre outros: BARRELAS: 2012.

Bibliografia

Arquivos

Arquivo Municipal do Bombarral (arquivo de obras)  
Arquivo Nacional da Torre do Tombo (espólio Luís Benavente)  
Arquivo da Paróquia do Bombarral (processo de construção da nova igreja)  
Biblioteca do SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (espólio dos arquitectos Carlos Chambers Ramos e Carlos Oliveira Ramos)

Imprensa periódica

*O Concelho do Bombarral*  
*A Voz do Bombarral*  
*Ecos do Bombarral*

Livros e artigos

ALEGRE, Maria Alexandra. *A Arquitectura Escolar: O Edifício Liceu em Portugal (1882-1978)*. Lisboa: texto policopiado (tese de doutoramento apresentado na Universidade Técnica de Lisboa), 2009  
ALMEIDA, Pedro. *A Arquitectura no Estado Novo: Uma Leitura Critica*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002  
ALVES, Rui Manuel Alves. *Arquitectura, Cidade e Caminho de Ferro: As Transformações Urbanas Planeadas Sob a Influência do Caminho de Ferro*. Coimbra: texto policopiado (tese de doutoramento apresentado na Universidade de Coimbra), 2015  
BARRELAS, Joana Alexandra Mirante. *Caracterização Construtiva e do Estado de Degradação das Escolas do Ensino Secundário – Caso de Estudo: Edifícios Pavilhonares e Prefabricados*. Lisboa: texto policopiado (dissertação de mestrado apresentada na Universidade Técnica de Lisboa), 2012  
BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried (org.). *Arquitectura do Século XX: Portugal*. Lisboa: Portugal-Frankfurt 97, 1998  
BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004  
CARLOS, Jorge Manuel da Silva. *Escolas do Ensino Básico “Tipificadas” (Plano dos Centenários): Avaliação do seu Desempenho Técnico e Propostas de Intervenção*. Coimbra: texto policopiado (dissertação de mestrado apresentado na Universidade de Coimbra), 2005  
CARNEIRO, Luís Soares. *Teatros Portugueses de Raiz Italiana, Dois Séculos de Arquitectura de Teatros em Portugal*. Porto: texto policopiado (tese de doutoramento apresentada na Universidade do Porto), 2003  
CARVALHO, Carla Andreia Galvão de. *A Evolução da Arquitectura Escolar Portuguesa: As Escolas Primárias desde Finais do Século XIX até à Contemporaneidade*. Lisboa: texto policopiado (dissertação de mestrado apresentado na Universidade de Lusíada de Lisboa), 2012  
COSTA, Sandra Vaz. *O País a Régua e Esquadro: Urbanismo, Arquitectura e Memória na Obra Pública de Duarte Pacheco*. Lisboa: IST Press, 2012  
COUTINHO, Bárbara dos Santos. Carlos Ramos (1897-1969): *Obra, Pensamento e Acção – A Procura do Compromisso entre o Modernismo e a Tradição*. Lisboa: texto policopiado (dissertação de mestrado apresentado na Universidade Nova de Lisboa), 2001  
CUNHA, João Alves da. *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa: Os Anos de Ouro da Arquitectura Religiosa em Portugal no Século XX*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2015  
DIAS, Pedro Silva, BARBAS, Patrícia, COLAÇO, Margarida (org.). *Anos 60: Anos de Ruptura – Arquitectura Portuguesa nos Anos Sessenta*. Lisboa: Lisboa 94 – Livros Horizonte, 1994  
FERNANDES, José Manuel. *Igrejas do Século XX: Arquitecturas na Região de Lisboa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014  
FERNANDES, José Manuel. *Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico, 2003  
FERNANDES, José Manuel. *Arquitectura Modernista em Portugal (1890-1940)*. Lisboa: Gradiva, 1993  
FÉTEIRA, João Pedro Silva. *O Plano dos Centenários – As Escolas Primárias (1941-1956)*. Lisboa: texto policopiado (dissertação de mestrado apresentado na Universidade Nova de Lisboa), 2013  
FOLGADO, Deolinda, CUSTÓDIO, Jorge. *Rodoviária do Tejo nas Origens, na História e na Modernidade da Viagem Coletiva*. Santarém: O Ribatejo, 2015  
FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997

FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2009

GUERREIRO, Ricardo Alexandre Ferreira. *A Arquitetura das Estações de Caminho-de-Ferro em Portugal no Início do Século XX: Quatro Casos de Estudo*. Lisboa: texto policopiado (dissertação de mestrado apresentado na Universidade Lusíada de Lisboa), 2016

GONÇALVES, José Fernando Gonçalves. *Ser ou Não Ser Moderno: Considerações Sobre a Arquitectura Modernista Portuguesa*. Coimbra: e|d|arq – Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2002

LÔBO, Margarida de Souza. *Planos de Urbanização: A Época de Duarte Pacheco*. Porto: Edições FAUP, 1995

MOURA, Antonieta. “Teatro Eduardo Brazão, Notícia Deste e de Outros Palcos”. In *Cadernos Históricos do Concelho do Bombarral*, Bombarral, 1994, n.º 1

PATULEIA, Manuel. *O Concelho do Bombarral: Contributos para a sua História*. Câmara Municipal do Bombarral, 2009

PIMENTA, Paulo Sérgio Pereira. *A Escola Portuguesa: Do “Plano dos Centenários” à Construção da Rede Escolar no Distrito de Vila Real*. Braga: texto policopiado (dissertação de mestrado apresentada na Universidade de Minho), 2006

POUCA, Óscar Vila. *Escolas Primárias – Edifícios com Propósito*. Porto: texto policopiado (dissertação de mestrado apresentado na Universidade do Porto), 2013

RAMOS, Augusto José. *Bombarral e seu Concelho: Subsídios para a sua História*. Bombarral: Grafibom, 1982

SANTOS, Dóris. “De Coutada a Mata Municipal”. In VILAÇA, Emanuel. *Mata Municipal do Bombarra*. Bombarral: Real 21 – Associação de Defesa do Rio Real, 2006

SANTOS, Dóris. *Igreja do Santíssimo Salvador do Mundo: História, Projecto e Construção*. Bombarral: Paróquia do Santíssimo Salvador do Mundo do Bombarral, 2003

SANTOS, Dóris. *A Casa de Abel Pereira da Fonseca no Bombarral*. Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral – Museu Municipal do Bombarral, 2000

SANTOS, Dóris, MATOS, Luís de, BAPTISTA, Carlos Maximiano. *“Bombarralense”: 100 Anos ao Serviço do Desporto*. Bombarral: Sport Clube Escolar Bombarralense, 2014

SILVA, Leonel Nogueira da. *Carlos Ramos, Arquitecto Pioneiro ou Transigente: Da Arquitectura Moderna ao Estilo Nacionalista “Português Suave”*. Porto: texto policopiado (dissertação de mestrado apresentada na Universidade Lusíada do Porto), 2015

SILVA, Susana Constantino Peixoto da. *Arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo (1927-1959) – Equipamentos de Cultura e Lazer em Portugal no Estado Novo*. Coimbra: Edições Almedina, 2010

LACERDA, Manuel, SOROMENHO, Miguel, TOSTÕES, Ana (coord.). *Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970*. Lisboa: IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 2003

TOSTÕES, Ana. “Arquitectura Portuguesa do Século XX”. In PEREIRA, Paulo (dir.). *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997, vol. 3, pp. 506-547

VERGIKOSK, Francisco Carlos. *Breve Historial dos Bombeiros Voluntários do Bombarral – 75.º Aniversário*. Bombarral: Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Bombarral, 1999